

SOELI REGINA DA SILVA LIMA

**CAPITAL TRANSNACIONAL NA INDÚSTRIA DA MADEIRA
EM TRÊS BARRAS:
AS *COMPANY TOWNS* E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de Mestrado, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia

Orientação: Dra. Olga Lúcia F. Firkowski

Mestranda: Soeli Regina da Silva Lima

CURITIBA-PR

2007

DEDICATÓRIA

Para minha mãe, que acompanhou de forma direta todo o trabalho sempre propiciando condições necessárias para os momentos de estudo, com gratidão e agradecimento.

Para meu pai, que acompanhou ainda em vida o meu ingresso no mestrado e agora mesmo ausente sempre esteve presente nos momentos de reflexão, insegurança e alegrias das vitórias conquistadas, com saudades e lembranças.

Para Eloy Tonon, que além do grande estímulo intelectual ensinou-me a admirar virtudes como a humildade e gratidão humana, com reconhecimento e carinho.

Para meu filho Guilherme, que apesar da distância sempre esteve presente nos pensamentos como estímulo para a conclusão deste mestrado.

AGRADECIMENTOS

Como em outros casos esta dissertação é tributária de inúmeras formas de encorajamento e de numerosas contribuições.

A primeira é sem dúvida, a professora Dr. Olga Lúcia F. Firkowski que de forma pontual e precisa encaminhou os trabalhos da pesquisa.

Não poderíamos nomear aqui todos aqueles que direta ou indiretamente nos ajudaram, mas gostaríamos de registrar o apoio dos seguintes colaboradores:

** Gerson Eduardo de Souza advogado da Câmara Municipal de Três Barras e conhecedor da História de Três Barras.*

** Antonio Tsonoda pelas informações sobre a Rigesa e Três Barras.*

** Alan Schreider Padilha pela elaboração dos mapas.*

** Ione Cordeiro pela contribuição através das fotos aéreas.*

** Luis Cesar Pacheco pela doação de mapas e informações sobre a formação da cidade de Três Barras.*

** Ao Zem que se mostrou sempre prestativo e atencioso, bem como aos professores do Departamento de Geografia da UFPR que de uma forma ou outra contribuíram para a realização deste trabalho.*

Não poderíamos deixar de mencionar a Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras - FAFIUIVA, pela iniciativa de parceria com a UFPR neste mestrado e ao atendimento prestado durante o curso.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de Três Barras.....	41
Figura 2 – Projeto da área urbana de Três Barras em 1923.....	49
Figura 3 - Unidades produtivas e escritórios de venda da Rigesa/ MeadWestvaco..	55
Figura 4 – Localização da <i>company town</i> Rigesa / MeadWestvaco 2006.....	63
Figura 5 – Bairros e Loteamentos do Perímetro Urbano-Três Barras- 2006.....	76

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Vila operária da <i>Southern Brazil Lumber and Colonization Company</i> Três Barras -1910.....	45
Fotografia 2 – Residência do Diretor da Lumber.....	46
Fotografia 3 – Residências em Três Barras- Avenida Boa Vista.	46
Fotografia 4 – Comemorações da Independência dos Estados Unidos da América - Três Barras- 1912.....	48
Fotografia 5 – Área Central de Três Barras– 2006.....	51
Fotografia 6 - Fábrica da Rigesa / MeadWestvaco - Três Barras - 2005.....	59
Fotografia 7 – Departamento Florestal da Rigesa / MeadWestvaco – Três Barras– 2005.....	59
Fotografia 8 – Residência da Vila Operária 1 - Três Barras - 2005.....	70
Fotografia 9 – Residência da Vila Operária 2 - Três Barras– 2005.....	70
Fotografia 10 – Residência da Vila Operária 3 - Três Barras- 2005.....	71
Fotografia 11 – Vila Operária 1 - Três Barras - 2005.....	79
Fotografia 12 - Vila Operária 2 - Três Barras -2006.....	80
Fotografia 13 - Vila Operária 3 - Três Barras - 2005.....	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Evolução das ruas da área central - Três Barras - SC - 1923- 2006.....	50
Quadro 2 – Descrição dos trabalhadores da Lumber por nacionalidade.....	52
Quadro 3 - Concentração Vertical da Rigesa / MeadWestvaco -1953-2006.....	55
Quadro 4 – Concentração Horizontal da Rigesa / MeadWestvaco.....	57

Quadro 5 – Descrição do Valor Adicionado Fiscal – VAE- Três Barras –2000-2003.....	66
Quadro 6 - Relação entre atividades econômicas /empregos -Três Barras- 2002....	67
Quadro 7- Evolução dos Bairros, Distrito e Loteamentos - Três Barras.....	74
Quadro 8 - Relação entre habitação com categoria profissional.....	78

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Perímetro Urbano - Três Barras– 2006.....	44
Mapa 2 - Evolução do Perímetro Urbano - Três Barras- 1978-2006.....	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Evolução demográfica –Três Barras -1960-2000.....	61
Tabela 2 - Comparativo entre os municípios da AMURC nos aspectos de produção de toras e frotas de caminhões	64
Tabela 3 - Empresas do município de Três Barras -2004.....	65
Tabela 4 - População do Distrito de São Cristóvão e da sede - Três Barras.....	77
Tabela 5 - Tempo de residência dos moradores das Vilas Operárias.....	83
Tabela 6 - Mobilidade dos moradores das Vilas Operárias.....	84
Tabela 7 – Grau de instrução dos moradores das Vilas Operárias.....	84
Tabela 8 - Setor de trabalho dos moradores das Vilas Operárias.....	85

LISTA DE SIGLAS

AMURC - Associação de Municípios da Região do Contestado
CASAN - Companhia Catarinense de Águas e Saneamento
CIMH - Campo de Instrução Marechal Hermes
CODELCO *Corporacion del Cobre*
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PPP - Projeto Político Pedagógico
VAF - Valor Adicionado Fiscal

RESUMO

A presente dissertação analisa o papel do capital transnacional relativo à indústria da madeira no processo de produção do espaço urbano. Nela procuramos compreender a produção do espaço urbano como decorrente das práticas realizadas pelo capital, analisando as estratégias administrativas e territoriais de transnacionais como agentes de transformações do espaço. Enfatizamos a temática de *company towns* – cidades-empresas, investigando de que forma estas *company towns* podem passar da função de dar suporte à produção industrial para a de ser determinante da produção do espaço. Para tanto, analisamos a realidade do município de Três Barras (SC), onde a presença de grandes corporações foi marcante, desde o início do século XX, com a serraria americana *Southern Brazil Lumber Colonization* e a partir de 1956 por meio da Rigesa Soluções e Embalagens MeadWestvaco. Consideramos as *company towns* como relevantes, pois a implantação das mesmas coincidiu com a delimitação dos primeiros traçados urbanos do município. Desse modo, procuramos demonstrar o impacto causado por tais projetos e como as alterações acentuadas decorrentes dos grandes investimentos podem produzir uma nova configuração espacial, com ênfase naquelas decorrentes da construção de núcleos habitacionais, as denominadas Vilas Operárias. Este fato conduziu à reflexão de que a cidade teve um crescimento vinculado à ação do capital transnacional, mais especificamente que a atual configuração urbana está intrinsecamente ligada a estas transnacionais. Analisamos dialeticamente os novos elementos do urbano decorrentes das ações do capital transnacional tanto no passado quanto aqueles surgidos mais recentemente.

ABSTRACT

The present dissertation aims to analyze the role of the transnational capital in the wood industry in the urban space production process. Through it it's tried to understand the production of the urban space as derived from the practices done by the capital, analyzing the administrative and territorial strategies of the transnational industries, as space transformation agents. It was emphasized the thematic of *company towns* – cities-companies, investigating in what form they can switch from the function of giving support to the industrial production to being determinating of the space production. For that, it was analysed the reality of Três Barras city (SC), where the presence of great corporations was remarkable, right from the beginning of the XX century, with the American sawmill *Southern Brazil Lumber Colonization* and from 1956 by means of Rigesa Solutions and Packings MeadWestvaco. The company towns are considered relevant once their implantation phase coincided with the first lines of urban delimitation of the city. In this way we try to demonstrate the impact caused by such projects and how the accentuated alterations resulting from great investments can produce a new space configuration, with emphasis in those resulting from the construction of habitational villages, named workers' towns. This fact led to a reflection that the city had a growth entailed to the action of the transnational capital, more specifically that the current urban configuration is intrinsically linked to these transnationals. It was dialectically analyzed the new elements of the urban, resulting from the actions of the transnational capital in the past as well as those arisen more recently.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 CAPITAL TRANSNACIONAL E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO.....	13
2.1 O ESPAÇO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE GEOGRÁFICA.....	14
2.1.1 A DINÂMICA DA PRODUÇÃO ESPACIAL NO CONTEXTO DAS CIDADES.....	16
2.2 AS INTERAÇÕES ESPACIAIS: O PAPEL DAS TRANSNACIONAIS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO.....	20
2.3 UMA ABORDAGEM ESPACIAL DAS <i>COMPANY TOWNS</i> NA PERSPECTIVA INTRA-URBANA.....	29
3 AS GRANDES CORPORações, AS <i>COMPANY TOWNS</i> E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM TRÊS BARRAS.....	40
3.1 A FORMAÇÃO DA CIDADE DE TRÊS BARRAS E A ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO.....	41
3.2 DA IMPLANTAÇÃO DA TRANSNACIONAL RIGESA/MEADWESTVACO EM TRÊS BARRAS À ATUAL CONFIGURAÇÃO URBANA.....	53
3.2.1 EXPANSÃO, DIVERSIFICAÇÃO E NOVOS RAMOS DE ATIVIDADES PRODUTIVAS DA RIGESA/MEADWESTVACO.....	54
3.2.2 A DINÂMICA DAS ATIVIDADES PRODUTIVAS DA RIGESA/MEADWESTVACO E SUAS REPERCUSSÕES NA PRODUÇÃO ESPACIAL.....	58
3.2.2.1 FLUXO DE TRANSPORTE VIA TRANSNACIONAL RIGESA/MEADWESTVACO E SEU IMPACTO NO ESPAÇO URBANO DE TRÊS BARRAS.....	64
4 A ESTRUTURA SOCIOESPACIAL INTRA-URBANA: UM ESTUDO DE CASO DAS VILAS OPERÁRIAS EM TRÊS BARRAS (SC).....	68
4.1 IMPLANTAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DAS VILAS OPERÁRIAS.....	68

4.2 A EVOLUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE TRÊS BARRAS.....	72
4.3 VILAS OPERÁRIAS: UM CONTRAPONTO À SEGREGAÇÃO URBANA.....	78
4.4 AS VILAS OPERÁRIAS SOB O PONTO DE VISTA DOS MORADORES.....	81
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
6 REFERÊNCIAS.....	89
7 ANEXOS	
ANEXO A - FIGURA APRESENTANDO O PROJETO DE <i>COMPANY TOWN</i> DA LUMBER.....	94
ANEXO B – MODELO DE ENTREVISTA REALIZADA COM MORADORES E EX-MORADORES DAS VILAS OPERÁRIAS.....	95

1 INTRODUÇÃO

A análise do espaço com enfoque no capital transnacional é uma alternativa de compreensão de dois momentos aparentemente distintos, mas em conexão: o primeiro seria o próprio entendimento da produção do espaço urbano em virtude das práticas realizadas pelo capital e o segundo o das estratégias administrativas e territoriais das transnacionais como agente de transformação deste espaço.

Procuramos então apreender as relações que se estabelecem entre esses dois momentos, no intuito de analisar de que maneira essas partes se articulam uma à outra na produção do espaço urbano em Três Barras - SC.

Para tanto, focalizamos nossa abordagem a partir de três perspectivas. Uma primeira preocupação é a produção do espaço vinculado às dinâmicas econômicas. Um segundo enfoque analítico articulado ao primeiro é o da grande indústria transnacional como agente produtor de novas territorialidades urbanas.

Com base nesses dois enfoques temos um terceiro momento que dá ênfase as *company towns*¹ - cidades - empresas, uma prática empresarial do início do século XX, como estratégia de gestão e produção para dar suporte as atividades industriais e que atua de maneira direta na produção espacial. Estas comportam a construção de núcleos de moradia junto aos espaços produtivos que incluem a totalidade das estruturas: ruas, transporte coletivo para funcionários, sistema de saneamento básico, parques, ofertas de serviços educacionais, de saúde e culturais. Muitas cidades interioranas assim como inúmeros bairros hoje integrados as cidades surgiram de *company towns*.

Portanto, mais apropriado do que discutirmos aspectos referentes à gestão e produção das indústrias, o que implicaria numa ênfase do sistema estrutural e organizacional, parece ser analisar dialeticamente os novos elementos do urbano emergentes das ações das transnacionais, tanto no passado como os surgidos mais recentemente. Trata-se de entender as interconexões de sentido entre o capital transnacional e a produção do espaço.

¹ Usaremos no decorrer da dissertação as expressões *company towns* e *company town* respeitando a concordância gramatical quanto ao número.

Esta análise é oportuna para o caso de Três Barras, onde a presença de grandes corporações foi uma realidade marcante ao longo do tempo. A princípio no início do século XX, com a serraria americana *Southern Brazil Lumber Colonization*, uma das empresas do Grupo Farquhar e a partir de 1956 através da Rigesa, Celulose, Papel e Embalagens² uma sucursal da WeadWestevaco ambas, implantando *company towns* no município.

A pesquisa objetivou analisar a ação das transnacionais na indústria da madeira em Três Barras enquanto agente de produção do espaço urbano, para tal realizou-se um resgate histórico quanto à implantação das transnacionais. Procurou-se ainda investigar as formas de gestão e produção destas transnacionais, visando assim relacionar o impacto do capital transnacional na produção espacial, evidenciando a sua relação com a formação dos novos loteamentos e bairros.

A fase de implantação das *company towns* coincidiu com a delimitação dos primeiros traçados urbanos do município. Este fato conduziu a uma reflexão de que a cidade teve um crescimento vinculado à ação do capital transnacional, mais especificamente, a atual configuração urbana está intrinsecamente ligada a estas transnacionais.

O recorte territorial foi definido com o município de Três Barras, localizado no planalto norte catarinense. Quanto ao recorte temporal, este privilegiou o início do século XX, quando as mudanças econômicas, sociais e políticas propiciaram o início das transformações analisadas. Os nexos que esses fatos mantêm em cada fase histórica permitem um esforço de periodização que deve iluminar o entendimento do processo. O período recente é estudado como o resultado da evolução urbana.

O trabalho foi desenvolvido a partir de um recorte analítico apoiado no materialismo histórico dialético, diante do fato de que o espaço urbano é produzido de forma processual, onde os seus elementos atuam interligados, com certa interdependência. Assim as informações da pesquisa puderam ser investigadas num constante debate entre as fontes. O conhecimento acerca da temática foi sendo construído de forma relacional com os seguintes recursos metodológicos: entrevistas estruturadas e semi-estruturadas com funcionários e ex-funcionários da Rigesa / MeadWestvaco e moradores da cidade. Quanto aos mapas e dados estatísticos,

² Visando facilitar a leitura usaremos no decorrer desta dissertação de forma simplificada a nomenclatura Rigesa quando nos reportamos a Rigesa Soluções e Embalagens MeadWestvaco.

estes foram fornecidos pelo IBGE, Prefeitura Municipal de Três Barras e família Pacheco. Já as fotos aéreas foram feitas por Ione Cordeiro.

Elaborou-se uma estratégia de investigação que atendesse ao objetivo de compreender: qual a relação entre o capital transnacional na indústria da madeira e a produção do espaço urbano? Para tal circunscreveu-se o fenômeno das *company towns*, identificando suas especificidades, mensurando sua problemática, sobretudo buscando uma interpretação abrangente da produção do espaço.

A hipótese de trabalho foi a de que a estruturação do espaço urbano de Três Barras só pode ser compreendida se analisada de forma conjunta com as ações das *company towns*. Desse modo, a questão central do trabalho está em compreender de que forma as *company towns* passaram da função de dar suporte à produção industrial para a de determinante da produção do espaço urbano.

Para tanto, a dissertação está dividida em três capítulos. O capítulo 1 prioriza questões de ordem teórica, ou seja, das leituras que realizamos quanto ao espaço urbano, capital transnacional, dando ênfase as transnacionais e as *company towns*. Nele analisou-se a urbanização como processo, forma e como conteúdo dessa forma.

No capítulo 2 iniciamos a apresentação dos resultados da pesquisa empírica, a princípio com o resgate histórico da formação da cidade de Três Barras, objetivando assim, identificar os primeiros traçados urbanos e na seqüência com a implantação da transnacional Rigesa, bem como sua correlação com atual configuração urbana. Pesquisamos o processo de produção do espaço urbano à luz do capital transnacional, das suas realizações técnicas e das modalidades de uso do espaço nos mais diversos momentos históricos da cidade.

No capítulo 3 são apresentadas informações referentes às Vilas Operárias da Rigesa. Na seqüência estas informações estão relacionadas ao surgimento dos novos loteamentos e bairros da cidade. Finalmente é destacado o modo como a sociedade tresbarrense se organizou diante da presença destas Vilas Operárias.

De forma geral nesta dissertação pretendeu-se ao discutir as formas de gestão e produção das transnacionais na indústria da madeira em Três Barras, compreender a produção do espaço urbano numa relação intrínseca entre o processo capitalista de produção, o da concentração, em especial das transnacionais e a produção de formas espaciais que sustentam essa tendência.

2 CAPITAL TRANSNACIONAL E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Iniciamos uma discussão teórica neste primeiro capítulo apresentando reflexões sobre o espaço urbano no contexto do capital transnacional. O mesmo serviu de base norteadora da pesquisa empírica que será apresentada nos capítulos subseqüentes. Através dos autores selecionados elucidamos questões pertinentes a produção do espaço urbano, capital transnacional e mais especificamente as transnacionais e *company town* ou cidade- empresa.

Neste capítulo o propósito é analisar questões relativas ao espaço enquanto categoria de análise geográfica, bem como relacionar as transnacionais como agentes de produção deste espaço. Para tal realizamos uma reflexão histórica, mesmo que limitada, da evolução do capital transnacional no território brasileiro. Procuramos discutir ainda questões voltadas à localização industrial no contexto da produção espacial. Finalizamos com a abordagem que busca no espaço intra-urbano a essência dos movimentos articulados entre *company town* ou cidade-empresa e espaço urbano. Neste contexto damos ênfase às Vilas Operárias, visto que a escolha locacional das mesmas pode ser determinante para a estruturação do espaço intra-urbano.

Objetiva-se assim, explicitar a concepção teórica adotada para o desenvolvimento da pesquisa.

2.1 O ESPAÇO COMO CATEGORIA DE ANÁLISE GEOGRÁFICA

A noção de espaço é ampla. No entanto nos interessa sua dimensão urbana, de ordem econômica, lugar de moradia e de trabalho, ou seja, espaço do homem que equivale ao espaço social onde “o espaço geográfico é a natureza modificada pelo homem através do seu trabalho” (SANTOS, 1986, p. 116). Como se vê “o espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual. Daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares” (SANTOS, 1986, p. 122) e está em constante transformação.

Inicialmente destacamos a necessidade de fazer um nexo entre paisagem e processos sociais, lembrando que “paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima” (SANTOS, 1996, p. 83). Esta ação humana ao longo dos tempos tende a criar espaços específicos, ou seja, a ação dos processos sociais na formação de novos espaços.

Focalizando o setor econômico, institucional e ideológico como processos sociais podem-se evidenciar a inclusão dos processos no espaço e respectivamente o seu inverso. Isto acontece diante do fato de que a produção espacial é gerada dialeticamente, ora o espaço como condicionante dos processos sociais, ora os processos espaciais como geradores de novos espaços.

Cabe ainda indicar que esses processos sociais têm suas respectivas *funções* materializadas em *formas* próprias. A expressão *forma-conteúdo*, (ou espaço e ação/social) usada por Santos (1985) esclarece a dialética entre o todo social, apreendido na realidade geográfica, conduzindo a uma análise não de apenas constatação dos fenômenos, mas de investigação detalhada sobre os elementos do espaço e suas respectivas funções. Por sua vez “os elementos do espaço seriam os seguintes: os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infra-estruturas” (SANTOS, 1985, p. 6).

Ao lado deste aspecto deve-se também considerar a interação entre os elementos acima citados. “Na medida em que função é ação, a interação supõe interdependência funcional entre os elementos” (SANTOS, 1985, p. 7). Nota-se que

diante desta interação entre os elementos suas funções³, passam a atuar de forma integrada como processo social. O estudo destas interações conduz à compreensão do espaço como totalidade social.

O espaço relaciona-se de maneira específica e particular com seus elementos, criando formas diferenciadas de representação para as mesmas funções, ou seja, cada espaço atribui aos elementos valores próprios. Em contrapartida cada elemento continua possuindo o mesmo nome, conteúdo, mas sua significação pode ser modificada.

Como vemos, a busca pela análise de um determinado espaço com visão da totalidade social requer delimitações precisas para com os objetos ali inseridos e que são responsáveis por possíveis transformações deste lugar. “Para os geógrafos, os objetos são tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou” (SANTOS, 1996, p. 59).

No caso em análise, ou seja, a produção do espaço urbano de Três Barras delimita os objetos como aqueles que estiveram, ou estão, interligados com a ação do capital transnacional.

Articulando o conjunto de objetos distribuídos sobre um território que formam a paisagem com os processos sociais representativos da sociedade e responsáveis pela alteração destes objetos, Santos (1985) discute a questão do espaço como categoria de análise, quanto à forma, função, estrutura e processo. Sob este ponto de vista analisa a espacialidade em sua totalidade.

Essa consideração é importante porque indica claramente que os objetos espaciais estão em constante evolução. Para analisá-los torna-se necessário uma interpretação dos mesmos no contexto histórico e temporal, em que estão inseridos, fazendo-se assim, uma leitura dos processos e formas espaciais que constituíram este espaço. Espaço este compreendido como reflexo e ao mesmo tempo condicionante social, como um conjunto de símbolos tanto das ações no presente como do passado. Diríamos então, que este fato conduz a uma análise na perspectiva de produção do espaço.

³ “É o caso das transnacionais ou das grandes corporações que não apenas se impõem regras internas de funcionamento, como intervêm na criação de normas sociais a um nível de amplitude maior que o da sua ação direta e até se tornam concorrentes das instituições e mesmo do Estado” (SANTOS, 1985, p. 7).

Numa abordagem materialista histórico-dialética retomamos o papel humano como sujeito da produção espacial, “partindo da produção material de vida mediata e concebendo as formas de relação ligadas ao mundo da produção” (CARLOS, 1994, p. 160). A questão está em compreender o espaço então, não apenas como mero reflexo da sociedade local no quais os fatos sociais vão se registrando no decorrer dos tempos, mas sim como condicionado e condicionante das ações humanas.

Um panorama global das ações do capital transnacional em Três Barras, durante o século XX pode ser revelador desta dialética, ou seja, das possibilidades de grandes investimentos na indústria madeireira, sobretudo, da implantação de *company town* na produção do espaço.

2.1.1 A dinâmica da produção espacial no contexto das cidades

No que toca ao espaço urbano, por longo tempo este foi tratado como similar à cidade. Cidade que se apresenta como centro de decisões, de desenvolvimento econômico, de concentração populacional se contrapondo ao rural. Como afirma Sposito (2005, p. 37) “a permanência da existência de assentamentos reconhecidos como cidades ao longo desses milhares de anos, não significa que os conteúdos econômicos, sociais, políticos e culturais desses assentamentos tenham permanecido estáveis”. Estes assentamentos vêm desempenhando no decorrer da história diferentes papéis de acordo com as transformações nos modos de produção e formações socioespaciais. Assim, ressaltamos “a importância de reconhecer a cidade como realidade material, mas não como paisagem estática” (SPOSITO, 2005, p. 38).

Diante do capitalismo industrial inicia-se uma decomposição das estruturas sociais agrárias. Na sociedade contemporânea as diferenças entre o urbano e o rural expressam a ampliação da divisão técnica e social do trabalho. As cidades atraem as indústrias, que por sua vez aceleram o ritmo da urbanização com o aparecimento de formas caracterizadas pela concentração das atividades num espaço restrito e o aumento das relações espaciais entre diferentes lugares.

De acordo com Lefebvre (1969) a cidade sofre um duplo processo com a

presença industrial. A princípio com a explosão da cidade tradicional alterando a sua morfologia e numa segunda fase “a cidade deixa de ser o recipiente, o receptáculo passivo dos produtos e da produção. **O centro de decisão**, aquilo da realidade urbana que subsiste e se fortalece na sua deslocação, entra a partir de então para **os meios da produção e para os dispositivos da exploração do trabalho social** por aqueles que detêm a informação, a cultura, os próprios poderes de decisão” (LEFEBVRE, 1969, p. 130). Assim sendo, fica evidente que o processo de industrialização repercute no de urbanização.

Quanto à urbanização⁴ Sposito (2005) apontou a multiplicidade de acepções empregadas ao termo urbanização, devido à diversidade de profissionais que a utiliza, definindo-a como: “um processo e, como tal, deve ser lida como movimento espaço - temporal” (SPOSITO, 2005, p. 34). Desta forma reforça a necessidade de articular os diferentes ritmos, rupturas temporais e descontinuidades espaciais da cidade. Neste sentido, “a urbanização é um processo de longa duração, que se inicia com o aparecimento das primeiras cidades e que se revela a partir de diferentes modos de produção, sob diversas formas” (SPOSITO, 2005, p. 35).

As dificuldades de analisarmos os graus de urbanização acontecem porque “a noção de cidade varia conforme o período técnico e os modelos de consumo adotados. Tal variação é tanto maior quanto as transformações são mais rápidas” (SANTOS, 1986, p.70). Neste contexto pode-se acrescentar que a indústria e a cidade estão intrinsecamente ligadas, mas a cidade pode preexistir à indústria e ter suas características próprias.

Como se vê, uma problemática geográfica da produção espacial deve considerar esta dialética indústria X espaço urbano enquanto processo de organização e de desenvolvimento e, por conseguinte partir das relações entre as forças produtivas que regem este espaço. Forças estas que sempre existiram, mas de forma diversificada.

Para Lefebvre (1969) estas forças podem alterar o tecido urbano⁵ na

⁴Urbanização voltada às relações sociais, onde o essencial está na dimensão espacial que se diferencia do urbanismo voltado à funcionalidade, a estética e a ordem.

⁵ Segundo Lefebvre, o tecido urbano seria “mais do que um tecido jogado sobre o território, essas palavras designam uma espécie de proliferação biológica e uma espécie de rede de malhas desiguais, que deixam escapar setores mais ou menos amplos: lugares ou aldeias, regiões inteiras” (LEFEBVRE, 1968, p. 16).

perspectiva das cidades com a ampliação das periferias, das redes bancárias, comerciais, indústrias e da própria habitação, dos espaços e locais de lazer, etc., influenciando não só na morfologia como na sociedade urbana, nos seus aspectos sociais e culturais. Assim “a cidade é a expressão da produção no sentido amplo, enquanto obra que se materializa para permitir a produção no seu sentido restrito, como lócus para a produção de bens e serviços” (SPOSITO, 2005, p. 49).

No que tange a diferenciação entre cidade e urbano Lefebvre (1969, p. 49) ressalta “**cidade**, realidade presente, imediata dada prático-sensível, arquitetônico-e por outro lado o ‘urbano’, realidade social, composta de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento”. Destaca ainda que mesmo o urbano sendo concebido pelo pensamento não é algo imaginário, ele precisa de uma base concreta, ou seja, de uma forma material de representação.

Estas novas formas de representação do tecido urbano, criadas com a industrialização, não fazem com que os núcleos urbanos preexistentes desapareçam. Estes persistem transformando-se ora em lugar de consumo e consumo do lugar. Assim “existe ruralidade e a urbanidade e a sociedade urbana. Existe o tecido urbano portador desta ‘urbanidade’ e a centralidade antiga, renovada, nova” (LEFEBVRE, 1968, p. 18). Através destas colocações o autor considera uma crise da cidade devido às profundas e rápidas alterações que sofre diante da industrialização.

Já para Castells (2000, p. 40) o “*urbano* designaria uma forma especial de ocupação do espaço por uma população, a saber, o aglomerado resultante de uma forte concentração e de uma densidade relativamente alta, tendo como correlato previsível uma diferenciação funcional maior”. Ainda para este autor, esta definição apresenta suas dificuldades de aplicabilidade na análise empírica, visto que não existe uma dimensão e densidade específicas para se considerar uma unidade espacial como urbana.

Diante do fato de que a industrialização acarreta para a cidade, entre outras modificações, o incremento populacional decorrente do seu sistema produtivo, cabe fazermos uma análise no sentido de conexão entre a localização industrial e o espaço urbano. Isto é compreensível, pois a lógica da localização industrial pode definir a organização espacial, ou seja, de acordo com as

necessidades do espaço produtivo o espaço urbano acaba por ser definido.

No que se refere a Três Barras, sendo a madeira a base produtiva das grandes corporações que ali se instalaram somada à proximidade dos meios de transporte na área central da cidade, não parece exagerado sugerir que a escolha locacional das indústrias foi uma determinante para a delimitação da área urbana. Procuramos no decorrer de nossa pesquisa demonstrar a lógica da produção industrial conduzindo ao entendimento da lógica da produção espacial.

No que concerne à localização industrial existem diferenciações entre o lugar e a localização. Para Santos (1985, p. 2) “o lugar pode ser o mesmo, as localizações mudam. E lugar é o objeto ou conjunto de objetos. A localização é um feixe de forças sociais se exercendo em um lugar”. Ainda quanto à escolha locacional “a escolha do lugar de implantação da atividade industrial depende em grande parte da natureza do produto e da escala de produção, assim como da força de trabalho necessária e das tecnologias empregadas” (FISCHER, 1994, p. 2).

Por outro lado, o que pode determinar a escolha de um determinado local para a instalação industrial é a política adotada pela empresa para o desenvolvimento do seu sistema produtivo. Esta inserção se exprime de acordo com Castells⁶ (2000, p. 211) “essencialmente em três planos: *técnico, relação econômica específica com o problema tratado (neste caso o espaço) e posição relativa da empresa com relação às outras unidades de produção*”.

É muito provável que a escolha do local realizada pela transnacional Rigesa para a instalação do departamento florestal e da fábrica de papel e celulose no município de Três Barras esteja vinculada ao fato da economia madeireira predominar na região e a necessidade de grandes áreas para o plantio de pinus, os quais garantem a matéria prima para a produção do papel. Quanto à posição relativa da indústria com relação às outras unidades de produção no país, a Rigesa ao implantar em Três Barras a partir de 1956, o departamento florestal e a primeira fábrica de papel e celulose e desta garantir com sua produção o funcionamento de outras filiais nas cinco regiões do Brasil, vem demonstrar o papel estratégico do município para a corporação.

⁶Castells (2000) faz uma análise ampla das três dimensões: técnica, relações econômicas e posição relativa à empresa, apontando variáveis específicas de cada dimensão e formulando cruzamentos entre elas criando assim hipóteses de possíveis localizações para indústrias fictícias.

Fischer (1994) ao realizar estudos de geografia industrial e das atividades industriais priorizando a dimensão espacial, suas modificações, sobretudo nas décadas de 1960-70-80, descreve as formas como a indústria organiza e estrutura o espaço. Este autor nos lembra que devemos levar em conta que há diferentes significados da localização para os atores⁷ envolvidos e que não são somente as considerações técnicas e econômicas conduzem à escolha do local.

Propõe ainda o autor que para o gestor da empresa a escolha se fará pelo critério de maior lucro, gerando assim, certa seletividade de localizações. Quanto à comunidade local, esta busca atrair as empresas pela possibilidade de crescimento econômico. Já o gerenciador local pode negligenciar ou ao contrário reforçar e diversificar o tecido econômico local. Seu papel fundamental é o de aperfeiçoar os efeitos espaciais da implantação, garantindo o desenvolvimento regional.

Mas é preciso considerar ainda outro ponto fundamental: o contexto histórico de implantação de uma indústria e a visão de desenvolvimento da comunidade ou mesmo do gerenciador local. Situar cronologicamente a implantação de uma transnacional no contexto econômico e político são de suma importância para uma análise comparativa de crescimento, desenvolvimento e alterações do espaço, via ações do capital transnacional.

Procuramos chamar a atenção para o aspecto de localização industrial como base, referência para a produção do espaço, das suas interações espaciais. A seguir se apresenta a análise destas interações entre transnacionais e a produção do espaço urbano.

2.2 AS INTERAÇÕES ESPACIAIS: O PAPEL DAS TRANSNACIONAIS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO

É nosso propósito aqui discutir a forma pela qual acontecem as interações entre o capital transnacional e o espaço urbano. Como é apresentada no título a análise acontece em torno das transnacionais nos aspectos de gestão e produção

⁷ A expressão “atores” é usada por Fischer (1994) para designar o gestor da empresa, gerenciador local (poder público) e comunidade local; aqueles que influenciam, determinam, conduzem a lógica da escolha locacional para implantação de uma indústria.

do espaço. Esta escolha decorre do fato de que: “do posto de trabalho ao espaço da grande firma multinacional, o espaço geográfico é um componente essencial do processo industrial, componente que exprime a lógica própria da organização espacial da indústria e a intensidade de suas ligações recíprocas com os meios de implantação” (FISCHER, 1994, p. 2).

Produtividade e lucratividade sempre foram objetivos dos investidores capitalistas. Na modernidade, em especial após a 2ª Guerra Mundial, o advento da tecnologia, o desenvolvimento dos recursos de transporte e comunicações gerou o crescimento da produção de forma acelerada, propiciando altas taxas de lucratividade. O reinvestimento que outrora acontecia de forma direta nas próprias empresas é direcionado a novos mercados. As fronteiras territoriais delimitadas por sistemas políticos têm uma nova determinante, a econômica. A globalização da vida econômica reduz a influência dos governos nacionais e aumenta a dominação das grandes empresas em relação ao capital transnacional. Como afirma Carlos (1994, p. 53) “a universalidade da articulação entre os espaços passa a ser um fator fundamental do aumento da produtividade, da eficiência econômica e da procura do lucro. As unidades produtivas se agigantam e ultrapassam as fronteiras políticas”.

Ao inserirmos o Brasil neste contexto destacamos a relação de dependência e subordinação frente ao capital estrangeiro como característica marcante em sua trajetória histórica econômica.

De acordo com Prado Junior (1994) a penetração do capital financeiro aconteceu no país em quatro fases: os primeiros empréstimos concedidos pela Inglaterra logo após a independência, com destino público; um segundo momento aconteceu nos setores de produção, a exemplo temos o caso do café; o outro setor foi a especulação financeira, através da instalação de agências, correspondentes, filiais de grandes bancos internacionais e numa quarta fase os empreendimentos industriais, a princípio em empresas de serviços públicos: estradas de ferros, fornecimento de energia elétrica.

O cenário econômico brasileiro em que se desenvolveu a industrialização propiciou a investida do capital transnacional. Como exemplo pode-se citar os pioneiros industriais imigrantes⁸ que apareceram antes da Primeira Guerra Mundial e

⁸ DEAN (1997, p. 270) cita: “Matarazzo, Gamba, Crespi, Diederichsen, Lundren, os Jafet, os Weissflog, os Klabin”.

contaram com apoio do capital estrangeiro, através de firmas que realizavam investimentos diretos nas indústrias com a instalação de agências bancárias⁹. Aconteciam ainda as transferências informais diretamente com os industriais europeus, que se tornavam sócios comanditários, ou seja, o capital nacional derivava quase todo do reinvestimento estrangeiro.

Uma outra forma de investimentos no Brasil ocorreu via concessões¹⁰, que mantinham assegurado o monopólio na execução dos serviços. Estas concessões eram amplamente disputadas pelos empresários. Observemos um exemplo deste processo:

O ganhador da concessão fundava, em geral, uma companhia para executar o serviço ou construir a estrada, porto, etc. objeto da concessão. Para mobilizar recursos de capital, a nova companhia contava inicialmente com alguns meios dos próprios fundadores, mas levantava a maioria deles mediante lançamento de ações ou títulos de dívida (debêntures) nas Bolsas de Londres ou Paris. Para conseguir que suas comissões de títulos encontrassem tomadores a um valor próximo ao par, era preciso que a companhia (ou seus fundadores) fosse conhecida e prestigiada e contasse com o *underwriting* de grandes bancos, os quais subscreviam os títulos (adiantando o dinheiro à companhia) e depois os revendiam ao público, ganhando na operação generosas comissões (SINGER, 1977, p. 377).

Cabe observar que o município de Três Barras vivenciou a ação do capital transnacional em forma de concessões. A *Southern Brazil Lumber Colonization* uma empresa da *Brazil Railway Company* vem comprovar o fato. Suas atividades foram iniciadas no ano de 1905, tendo em vista que “o Ministro de Viação e Obras públicas, o catarinense Lauro Muller, promoveu a vida ao Brasil do famoso empreendedor norte-americano Percival Farquhar, que fundou a *Brazil Railway Company*, empresa que adquiriu o controle acionário da Companhia de Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande” (THOMÉ, 1992, p. 5). Esta recebeu a “concessão

⁹ “Antes da Primeira Guerra Mundial já haviam filiais no Brasil de Bunge and Born, J. and P. Costs, Clark Shoes, United Shoe Machinery Company, Lidgerwood Foundries, Pullman Railroad Cars e E. Dell Acqua. São Paulo Alpargatas, The Rio Flour Mills and Granaries, Ltd., a Société des Sucreries Brésiliennes e a Fiat Lux eram exemplos de companhias formadas na Europa para realizar todas as suas operações no Brasil” (DEAN, 1997, p. 273).

¹⁰ Na década de 20 as “multinacionais no ramo da borracha, americanas e italianas ganharam concessões para instalarem-se no Brasil, com fábricas e plantações de seringueiras. Essas empresas: Firestone, Goodyear e Pirelli até hoje dominam nosso mercado de pneumático” (MARTINES, 1993, p. 28).

que permitia interligar todo o Sul do Brasil. Além de terras no Paraná e em Santa Catarina, numa extensão de 6 milhões de acres, para fins de colonização” (SINGER, 1997, p. 381). Vejamos uma forma de autorização de concessão:

Estando ligadas a Holding Brazil Railway Company e à Companhia da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, Farquar criou duas empresas:- a Brazil Development and Colonization Company, para povoar as terras devolutas recebidas pela Estrada de Ferro, e a mais importante - a Southern Brazil Lumber Colonization, que além de comprar pinheirais no Planalto Norte, ainda obteve autorização para instalar serrarias em terrenos devolutos e depois vender as terras, já sem árvores, para imigrantes se fixarem (...) (SACHET, 2001, p. 71-72)

Diante destas considerações parece necessário chamar atenção para o impacto destes investimentos na região por nós investigada, visto que a mesma vivenciou no início do século XX estes dois momentos: o primeiro com a construção da estrada de ferro e o segundo sendo a sede da serraria *Lumber*. Registramos na fase inicial de nosso trabalho as formas por meio das quais ambas contribuíram para a produção do espaço tresbarrense.

Após a Grande Depressão dos anos trinta e da Segunda Guerra Mundial, os grandes negócios baseados em concessões de monopólios estavam terminando. O capital estrangeiro mudou de estratégia para inserção na economia brasileira sob forma de investimentos industriais.

Quanto à ação dos vultosos investimentos via trustes¹¹ no solo brasileiro Prado Junior (1994) aponta três marcas profundas: a primeira como um poderoso explorador da riqueza nacional, através da mais-valia do trabalho brasileiro; de outro lado, a intervenção na economia que acaba desvirtuando seu funcionamento, como exemplo foi o de manter a economia na função primária do seu passado colonial e finalmente a atuação do capital internacional como elemento de constante perturbação no mercado financeiro. Acrescenta ainda, que a par dos aspectos negativos, estes investimentos entrosaram o Brasil no sistema internacional do capitalismo contemporâneo.

Discorrer sobre a ação do capital transnacional é uma possibilidade de entender a ação das transnacionais¹² enquanto agente de produção do espaço.

¹¹ A expressão truste é usada pelo autor como sinônimo de multinacional.

¹² CHESNAIS (1996) discute no 1º capítulo o conceito de multinacionais. Optamos em usar a

Quanto à gênese de sua formação histórica, as mesmas têm sua origem por meio dos investimentos de capitais em nível internacional, ou seja, do capital transnacional. Capital este que é reflexo, resultado de uma determinada fase do capitalismo, onde os investimentos deixam de acontecer especificamente em torno da produção nacional e passam a acontecer de forma a expandir sua lucratividade para espaços geográficos mais rentáveis.

As grandes corporações surgem do constante movimento do capitalismo. Para Corrêa (1991) este processo iniciou a princípio pelas mudanças nas condições de trabalho, gerando lucro, que através da competição conduziu a novos investimentos e subsequentemente ao acúmulo de capital.

Ainda apoiando-se em Corrêa (1991) podemos observar que diante do acúmulo do capital os investimentos são direcionados a outras regiões, com mão-de-obra barata, revertendo assim em maior lucro. Este processo acontece em forma de ciclo da reprodução do capital através da metamorfose do capital-dinheiro em mercadoria. Em seguida inicia-se o processo migratório, envolvendo áreas e centros urbanos diversos para a compra da força de trabalho (base da criação do valor). A compra e manutenção dos meios de produção são decorrentes da matéria-prima, fontes de energia, subsidiárias ou empresas subcontratadas que envolve outras localizações e fluxos. Já o sistema produtivo envolve outras espacialidades, estas são direcionadas a localização da força de trabalho, fluxos vinculados às inovações tecnológicas e outros agentes, tais como: atividades terciárias, serviços de saúde e formação profissional. A fase final do ciclo do capital acontece através das transações atacada pelos departamentos e escritórios de vendas, com a circulação do capital-dinheiro em direção ao centro da *gestão-holdings*¹³ (via bancária) e pelo investimento de capital-dinheiro em papéis de mercado financeiro (acumulação de capital). Assim se completa o ciclo de reprodução do capital, através deste se estruturam as transnacionais.

expressão transnacional.

¹³ Uma firma constitui *holding* quando “a sua função consiste em deter investimentos ou créditos de outras firmas, no mesmo ou num terceiro país. Ela é considerada como sociedade financeira e, em certos países, pode empregar apenas um pequeno número de pessoas, o necessário para manter os livros em dia. Frequentemente, a escolha geográfica da sede das *holdings* depende das vantagens fiscais oferecidas pelos países receptores” (CHESNAIS, 1996 p.56).

Com o ciclo proposto as companhias vão mundializando suas atividades através das filiais. Estes investimentos podem ocorrer ainda por aquisições/ fusões, que foram acentuados na década de 1970.

Para Chesnais (1996, p. 64), “um dos principais objetivos industriais de uma aquisição/fusão consiste em pegar uma parcela do mercado, especialmente quando acompanhada pela aquisição de marcas comerciais, de redes de distribuição e de clientes cativos”. Deste modo, verificamos que acontece o controle na linha de produção direcionando a diversificação da produção e atuação no mercado, favorecendo amplamente o processo de concentração e centralização dos investimentos internacionais.

Posição relativamente semelhante a esta é exposta por Corrêa (1991) ao afirmar que a grande corporação é um agente de reorganização capitalista pelo processo de expansão do capital produtivo. O autor aponta como características desta expansão: ampla escala de operações (escritórios de vendas e compra e unidades fabris); a natureza multifuncional, com concentrações horizontais, verticais e multifuncionalidade; a segmentação da corporação, que ocorre no âmbito do desenvolvimento tecnológico, divisão do trabalho e papel no processo de acumulação do capital; suas múltiplas localizações, distintas entre si nos custos diferenciados da força de trabalho, especialização funcional, mercado consumidor e em termos de administração no próprio âmbito da corporação; o enorme poder de pressão econômica e política, através da participação na gestão do território pelas práticas econômicas e políticas.

Ramires (1991) avança suas reflexões sobre o sistema de gestão e produção das grandes corporações, destacando que as mesmas incorporam empresas menores conforme as suas necessidades e pela ampla escala de produção. As fusões podem acontecer de forma horizontal, ou seja, na mesma linha de produtos; vertical, controlando produtos associados aumentando o domínio sobre as fontes de matéria-prima até a distribuição e pela fusão conglomerada ou diversificada, pela aquisição de empresas com diferentes produtos, visando minimizar os riscos através de outras possibilidades de remuneração do capital.

No município de estudo localiza-se a transnacional Rigesa, a qual vem passando por estas fases de gestão e produção, tanto horizontal como verticalmente

no país. Resta saber de que forma esta articulação entre lugares afeta, repercute, interfere, ou mesmo, condiciona a produção do espaço urbano tresbarrense.

Sob perspectiva da produção do espaço urbano as grandes corporações atribuem papéis específicos a determinadas áreas da cidade, como resultado de suas estratégias de ocupação do espaço. A cidade vai assumindo dimensões e conteúdos diferentes, seguindo a lógica de implantação e desenvolvimento da transnacional ali instalada. Parece então, importante chamar a atenção para a análise das grandes corporações, visto que estas podem fornecer dados relevantes para compreensão dos elementos que condicionam a produção do espaço.

De acordo com Estrada (1986) a presença do capital industrial monopolista condiciona a organização da cidade, nas relações de trabalho, nas forças sociais que lhes opõem, gerando certo conflito. Tais lutas se refletem na composição urbana: organização e desorganização, ordem e desordem.

Os grandes projetos econômicos que envolvem as indústrias transnacionais necessitam de infra-estrutura para a produção e “ao alterarem o espaço herdado, provocam bruscas rupturas no padrão de ocupação do espaço local e nas sociabilidades até então definidas” (TRINDADE JUNIOR, 2002, p.17). Alterações nos equipamentos, nos sistemas de comunicação e transporte, nos investimentos em educação e tecnologia, necessários para dar suporte às atividades realizadas em âmbito local, bem como os novos setores de serviços que são criados para atender a demanda de mercado propiciada pelo capital transnacional.

O capital, a produção, o lucro crescem acompanhados de certo desigualdade social e econômica, pois o capital engloba parte da cidade. Ela torna-se local de contradição e transformações do capital. Diríamos então, que o espaço é produzido de acordo com as necessidades do capital para a sua produção, ou como reflexo e também condicionante da produção.

Na problemática por nós investigada, aprofundamos a questão da ação das transnacionais no padrão ocupacional, tanto no início do século XX, com a presença da *Lumber*, como a partir da década de 1950, com a *Rigesa*. Situamos historicamente, reconstituindo as formas como os agentes externos puderam determinar a produção do espaço ao realizarem transformações significativas na cidade, transformações estas que contribuíram para a aceleração da produção espacial urbana.

Por outro lado, a sociedade cria suas alternativas de trabalho de acordo com a atuação do capital transnacional no local em que está inserido. Quanto à relação entre espaço nacional e internacional percebe-se que a economia ao servir os interesses de grupos hegemônicos tende a diminuir as oportunidades de comercialização para grupos de menor porte. As empresas estrangeiras participam do mercado interno quando se beneficiam do mesmo. “O uso competitivo do espaço acaba por se mostrar um uso hierárquico, na medida em que algumas empresas dispõem de maiores possibilidades para utilização dos mesmos recursos territoriais” (SANTOS 2003, p. 295) Desta forma a base material do espaço passa por mudanças nos diversos setores tais como: sistema de transportes, barragens, usinas hidrelétricas, equipamentos de telecomunicações.

Através da gestão, ou seja, das práticas econômicas e políticas as corporações atuam no processo de produção e transformação dos espaços onde estão instaladas. Desse modo “a corporação projeta no espaço uma estrutura administrativa e uma integração funcional. Impacto sobre a organização espacial prévia, de um lado recriando novas diferenças espaciais e, de outro, concentrando o poder de gestão em poucos centros urbanos” (BENKO, 2002, p. 145).

Quanto às ações das transnacionais em âmbito local, alguns aspectos podem ser relacionados a elas tais como: a permanência da população (migrações para metrópoles); exploração dos recursos locais (energia, alimentos...), a transferência de custos da produtividade para a própria comunidade; a obtenção de informações vitais para controle e inovação e a ampliação do mercado para a produção industrial da era da eletrônica e telecomunicações. Assim a grande corporação “contribui decisivamente para a manutenção, o desfazer e o recriar das desigualdades espaciais” (BENKO, 1991, p. 139), bem como a perda de controle e decisões das cidades, não apenas nas atividades industriais, mas também as atividades financeiras e comerciais. Este fato conduz as relações não apenas na escala do intra-urbano, estrutura interna das cidades, mas também do inter-urbano, conexão com as demais cidades.

Becker (1989) ao discutir as estratégias espaciais do Estado e das corporações para a produção de espaços transnacionais na Amazônia, aponta com o impacto do espaço transnacional sobre o espaço local, vivido pela população os seguintes conflitos: destruição de espaços construídos, tanto da natureza como nas

relações homem-meio; a revolução econômica, social e política que desorganiza os laços sociais e a cultura local; os efeitos resultantes da dissociação entre grandes projetos e condições locais, onde a população pode permanecer desprovida de determinados recursos enquanto os mesmos são de propriedade da corporação. Destaca ainda o problema da mobilidade de mão-obra não qualificada, o grande número de imigrantes que podem ter um emprego apenas temporário.

A mesma autora identifica dois elementos criados para possibilitar a criação do espaço transnacional. O primeiro seria a institucionalização de programas: subsídios à apropriação do espaço e criação de um novo território, como exemplo cita a Programa Grande Carajás, proposto pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) em 1980. O segundo elemento seria o de integração e ordenação do espaço transnacional através das redes e insumo básico, com três itens fundamentais: o sistema de transporte para exportação da produção, o insumo básico para a produção industrial e os núcleos urbanos.

Em sua trajetória histórica econômica, o município de Três Barras contou com obras complementares à construção da fábrica de papel e celulose: o sistema rodoviário passou a ter prioridade para favorecer a circulação da produção, algumas estradas tiveram seu trajeto alterado atendendo assim os interesses da indústria.

Como afirma Sposito (2005) é necessário pesquisar o espaço intra-urbano em conexão com as redes (demais cidades), diante do fato de que as novas formas de produção mantendo ligação com diferentes localizações e fluxos possibilitam a conexão entre espaços diferenciados. A autora ressalta ainda que as escalas mais gerais de tempo e espaço se articulam e mesmo dependem dos espaços locais. Este fato decorre em parte da atual velocidade de atuação dos meios de comunicação e transporte, tornando intensa a relação entre diferentes lugares. Para tal deve-se investigar esta relação do intra-urbano com o inter-urbano voltada aos resultados aferidos no espaço, ou seja, partindo da gestão e produção da transnacional com a produção do espaço urbano.

Trataremos na seqüência do texto da relação interna das cidades com a presença do capital transnacional, abordando a questão das *company towns*.

2.3 UMA ABORDAGEM ESPACIAL DAS *COMPANY TOWNS* NA PERSPECTIVA INTRA-URBANA

Passamos nesta fase do trabalho a buscar no espaço intra-urbano a essência das contradições e do movimento articulado dos fenômenos que vão recriando e dando uma nova significação a estes espaços com ênfase nas *company towns* – cidades-empresas, como vetor de orientação da urbanização e das formas de produção do espaço urbano.

Villaça (1998) ao focar a temática do intra-urbano ressalta que há a necessidade de uma clareza de definição no uso das expressões urbano e intra-urbano. Para o autor existe um uso excessivo da expressão urbano em pesquisas de contexto regional, ou seja, o urbano designando vários espaços em diferentes escalas com o mesmo propósito. Assim propõe que o intra-urbano estaria delimitando de forma mais específica o espaço em estudo, de uma área própria, com limites precisos. O que viria a diferenciar o espaço regional do intra-urbano seriam as formas de transportes e das comunicações. Este deslocamento de informações, da energia, do capital constante e das mercadorias denota o espaço regional. Já “a estruturação do espaço intra-urbano é dominada pelo deslocamento do ser humano, enquanto portador da mercadoria força de trabalho ou enquanto consumidor (mais do que pelo deslocamento das mercadorias em geral ou do capital constante)” (VILLAÇA, 1998, p. 22).

O espaço intra-urbano ainda tem suas especificidades definidas de acordo com seus valores de uso. Esses valores de uso são aqueles atribuídos aos equipamentos e serviços públicos que mantém inter-relação com a produção. É óbvio que as transformações das estruturas de ordem econômica repercutem de forma acentuada no espaço, o caso das indústrias é marcante.

Por outro lado “o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável” (CORRÊA, 1989, p. 7). Suas relações se completam através dos fluxos de pessoas associados às mercadorias, com deslocamentos entre áreas residenciais, de trabalho e de comércio.

Deste modo, as relações citadas anteriormente integram as diferentes partes da cidade e refletem a complexidade dos agentes sociais que organizam e reorganizam o espaço urbano. Corrêa (1989) apresenta como agentes sociais capazes de fazer e refazer a cidade: os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos.

Na presente análise enfatiza-se os agentes relacionados ao setor industrial na produção do espaço urbano, mais especificamente as grandes corporações, visto que: “os grandes proprietários industriais e das grandes empresas comerciais são, em razão da dimensão de suas atividades, grandes consumidores de espaço” (CORRÊA, 1989, p. 13).

De modo geral quando verificamos o papel da localização industrial numa perspectiva intra-urbana necessariamente devemos ter o entendimento do social, de como determinada indústria atua no local ao construir o seu espaço de produção, assim:

entender como são escolhidos diferentes lugares no interior de cada cidade para a realização de diferentes funções e usos, e por que essas escolhas acontecem, não significa, apenas, entender quais ações deliberam os diferentes atores ou grupo de atores na dinâmica de estruturação do espaço urbano em cada corte de tempo, mas compreender como essas ações são, também, determinadas pelo processo mais amplo de divisão social e territorial do trabalho (SPOSITO, 2004, p. 54).

Constata-se então, que a complexidade da dinâmica intra-urbana está intrinsecamente ligada com o inter-urbano, em especial quando estas relações acontecem vinculadas as ações das transnacionais. Pode-se sugerir que através do planejamento das empresas estas também planejam os lugares em que se instalam. Quanto à localização industrial sabe-se que a cidade preexiste as indústrias. Locais de comércio e gestão, as cidades atenderam nos finais do século XIX e início do XX o processo de industrialização, tornando-se “lugar da gestão, das decisões que orientam o desenvolvimento do próprio modo de produção, comandando a divisão territorial do trabalho e articula a ligação entre as cidades da rede urbana e entre as cidades e o campo” (SPOSITO 2004, pg. 64).

Damiani (2001) ao fazer um resgate histórico do processo de industrialização interligado a urbanização, tentando compreender a particularidade brasileira, aponta que “a noção de cidade, assim como a de vila, a de povoação, a de bairro são denominações que retiram o núcleo mencionado do que caracterizaria a vida rural, dão-lhe um novo status” (DAMIANI, 2001, p. 1). Com o desenvolvimento da industrialização a idéia de cidade como instituição jurídica, política e social vai adotando o status de espaço da modernidade, acompanhando as alterações de cunho econômico. Em conseqüência, a presença industrial condiciona o crescimento acelerado das cidades.

Três Barras não foge deste contexto. Verifica-se que, na passagem do século XIX para o século XX, com a presença da ferrovia e dos primeiros colonizadores se inicia a delimitação espacial da cidade. Antigas chácaras são vendidas, sendo transformadas em loteamentos, novos traçados de ruas são criados. O mundo “caipira” passa a ser transformado com o processo de urbanização. Aos poucos a modernidade, ainda que de forma incompleta e lenta altera o espaço.

Gonzáles (2005) faz uma análise da morfologia urbana de Barcelona no início do século XX, dando ênfase a uma série de novos espaços no seu tecido urbano, decorrentes dos diversos traçados da ferrovia ali instalados. Procurando delimitar sua síntese de análise no período de 1848-1990, conclui que a ferrovia influencia o espaço urbano até o ano de 1954, quando é construído um traçado subterrâneo. Destaca ainda que os urbanistas a partir de 1970-1990 estão procurando recuperar parte dos espaços descritos no seu trabalho, resolvendo alguns dos problemas urbanísticos gerados pelo traçado ferroviário construído durante o século XIX.

Do mesmo modo e pela mesma lógica em Três Barras, a ferrovia inicia o processo de construção do traçado urbano. A estação ferroviária é construída no local que viria a ser o centro da cidade. O impacto maior de ocupação do espaço acontece diante do fato de que Percival Farquar recebeu a concessão para exploração da madeira (15 km de cada lado da ferrovia). Assim é criada a maior serraria da América do Sul, com suas instalações ao lado da estação ferroviária.

Como se observa, o desencontro dos tempos históricos na economia

marca o espaço tresbarrense. De um lado a sociedade local adaptando-se a chegada da ferrovia e do progresso, de outro, uma grande corporação ali instalada, exigindo mais do que a cidade oferece. Por fim, o capital transnacional acelera a urbanização ao criar condições de produção em grande escala com infra-estrutura suficiente ao empreendimento. Desta forma é criada pela *Southern Brazil Lumber Colonization* a primeira *company town* em Três Barras, com sua Vila Operária que veio atender a demanda de mão-de-obra migrante de outras cidades, bem como áreas de lazer, cinema, clubes, quadra esportiva, campo de futebol. Aspectos de ordem cultural e social também são transformados em consonância com o econômico refletindo na produção espacial.

Como se vê, com o avanço do capitalismo e o crescimento da produção das grandes corporações, o investimento transnacional ao deslocar-se para outras regiões exige infra-estrutura adequada à reprodução do capital. As corporações passam a criar seu próprio espaço urbano diante da necessidade de grande mobilidade do capital e da força de trabalho, necessários para dar suporte aos empreendimentos. A partir desta perspectiva surgem as *company towns*, capazes de reduzir custos, integrar os trabalhadores em posições hierárquicas, aumentando a eficiência da produção.

Estas *company towns*, de acordo com a área que ocupam acabam por interferir ao mesmo tempo nos aspectos urbanísticos, econômicos e sociais da cidade em que são implantadas.

Rodrigues (2002) ao pesquisar o Núcleo Urbano de Carajás – uma *company town* implantada pela Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) no sudeste do Pará para dar suporte ao Projeto Ferro Carajás (1986), chama a atenção para o seguinte fato:

as estruturações das *company towns*, como modelos aplicados, significam a reconstrução do fenômeno urbano por meio da negação das estruturas existentes (cidades “espontâneas”) e fundação de novas estruturas, voltando seus objetivos e “conteúdos” para a viabilização econômica dos empreendimentos a que estão vinculadas, utilizando a “forma” urbana, por meio do projeto, enquanto um dos instrumentos deste fim (RODRIGUES, 2002, p. 117).

Talvez isso ajude a entender por que a maioria das *company towns* é associada à imagem do progresso, da modernidade, na região onde estão sendo instaladas. Ela acompanha a idéia da industrialização com a de crescimento econômico e desenvolvimento local, diante da lógica de que:

a racionalização da dinâmica urbana nas *company towns* é aqui encarada como meio de viabilizar e garantir a finalidade maior dos empreendimentos a que estão associadas, ou seja, viabilizar a realização econômica do empreendimento, pois a idéia de *company towns* demonstra ser uma continuidade da unidade produtiva, tanto na relação econômica quanto nas relações sociais, tendendo a configurar-se como parte de um modelo produtivo (RODRIGUES, 2002, p. 114).

Na visão de Piquet (1998) as cidades-empresas são “mal vistas” pelos sociólogos, urbanistas, arquitetos pela análise dos impactos locais dos grandes projetos realizados no início do século XX ou na década de 1970 no Brasil. Para uma apreensão do papel desempenhado pela cidade-empresa nas formações urbanas brasileiras é preciso compreender os vínculos entre as transformações ocorridas na estrutura econômica e os processos espaciais que estas desencadearam. Desse modo,

a relação entre grandes projetos e o desenvolvimento regional e local, que nos remete, de imediato, à baixa incorporação regional dos benefícios gerados e a forma de gestão a que são submetidos esses possíveis benefícios, que acabam por repercutir seja no redesenho do poder local, seja no redesenho da própria configuração territorial, trazendo à tona conflitos de natureza diversa (TRINDADE JUNIOR, 2002, p. 19).

Dito de outro modo, o que procuramos demonstrar é o impacto causado por grandes projetos e como as alterações acentuadas decorrentes dos grandes investimentos podem causar uma nova configuração espacial.

A primeira associação que se faz à cidade-empresa é a de uma “minicidade”, na qual um conjunto de equipamentos comunitários incluindo habitações, edifícios de pequeno comércio, escola, hospitais e áreas de lazer pertencem a uma companhia e onde é exercido controle sobre as entradas e saídas de pessoas, configurando um núcleo urbano fechado.

Garcés (2003) ao fazer suas pesquisas sobre as *ciudades del cobre*, no Chile, com base nos assentamentos construídos ao longo do século XX por empresas internacionais, delimitou quatro casos relacionados a *Corporacion del Cobre* (CODELCO). Propôs ainda que estes novos assentamentos instalados fossem herdeiros contemporâneos e sucessores das *company towns*. Relata em seu trabalho que o surgimento das mesmas teria acontecido na Europa e nos Estados Unidos, acompanhando o capitalismo emergente, com o objetivo de maior concentração de capital e do trabalho, como um mito do capitalismo de sociedade perfeita a serviço da produção. Quanto a sua relação com a urbanização destaca que:

las *company towns* se instalan em la historia del urbanismo como una manufactura urbana organizada por un proyecto de ingeniería y arquitectura que formaliza y distribuye las edificaciones del área industrial, los equipamientos y la residencia, en un conjunto que alcanza una organización física, productiva y social. El modelo es adecuado a una función productiva principal como es la explotación de materias primas y la manufactura industrial, al mismo tiempo que funcional a la modelación de un grupo social excluido de otras actividades y manifestaciones urbanas que aquellas que le entrega la compañía (GARCÉS, 2003, p. 132).

No caso tresbarrense pode se compreender o espaço como (re) produção das relações sociais, explicando a instalação da modernidade no município via *company town*. Compreender como aconteceu a inserção desta nova situação criada pelo capital transnacional, no início do século XX, é uma possibilidade de identificar o redesenho da configuração urbana. Os conflitos locais podem ser percebidos pela inserção da cultura norte-americana na região cabocla do Contestado, tanto nos aspectos físicos (edificações), como nos de cunho social. A sociedade local num curto espaço de tempo tem duas situações a se adaptar: a primeira seria o próprio impacto da modernidade através da industrialização presente e a segunda os novos hábitos culturais cassino, cinema, basquetebol, tênis de quadra. Ora, essa constatação permite reiterar que o impacto do estranho vai redefinindo as relações sociais e espaciais.

Como ponto forte de *company town* na organização espacial pode-se destacar a construção de núcleos habitacionais: as Vilas Operárias. Núcleos habitacionais estes caracterizados de acordo com Rodrigues (1994) em dois tipos:

as construções feitas por industriais e as construídas por empresas, companhias de construção.

As Vilas Operárias construídas por industriais demonstram certo controle na rentabilidade e aplicabilidade salarial por parte do empregador, quando “implicavam uma tentativa de suprir a falta de moradias e de tentar atrair mão-de-obra, principalmente em áreas mais distantes dos ‘centros’, pois o operário ao ficar desempregado perdia o trabalho e a casa. O aumento do salário implicava também no aumento do aluguel” (RODRIGUES, 1994, p. 55).

Blay (1985) reconstruiu a trajetória histórica das Vilas Operárias no estado de São Paulo (1890-1920) sob ótica dos operários e dos industriais. Em seu trabalho a autora ressalta que “a moradia na forma de vilas operárias encontra raízes em um remoto passado. Elas aparecem como um sucedâneo da senzala” (BLAY, 1985, p.30). Já no cenário urbano, elas acompanham o processo de industrialização, “possivelmente um dos primeiros setores produtivos que adotou o procedimento de construir vilas operárias tenha sido o das ferrovias” (BLAY, 1985, p.32).

Ao consideramos a produção do espaço urbano numa perspectiva de análise da construção de Vilas Operárias podemos ter um entendimento da segregação urbana. Castells (1983, p. 250) considera segregação urbana como: “a *tendência* à organização do espaço em zonas de forte homogeneidade social interna e com intensa disparidade social entre elas, sendo esta disparidade compreendida não só em termos de diferença, como também de hierarquia”. Este fato pode ser detectado quando da distribuição da moradia entre categorias de trabalho da indústria.

A casa sendo oferecida pela empresa, dependendo da situação ocupacional do operário no processo fabril, representa um elemento de interiorização do operário frente ao patrão. A uniformização das casas, o controle direto da fábrica sobre o conjunto das condições materiais de sua vida social fora da fábrica como: água, luz, transporte, auxílio médico, etc., são elementos componentes dessa interiorização.

A oferta de moradia cria uma possibilidade do trabalhador se locomover com a família, com garantia de segurança, de ter um lugar na cidade. Este fato leva a reflexão de que “o domínio exercido pela empresa subordina os moradores à sua influência e ao seu controle. Sendo não apenas empregadora, mas também

proprietária das moradias e dos equipamentos coletivos é ela quem determina as regras a serem cumpridas tanto no trabalho como fora dele” (PIQUET, 1998, p.37).

Partindo do princípio de que “para morar é necessário ter capacidade de pagar por esta mercadoria não fracionável, que compreende a terra e a edificação, cujo preço depende também da localização em relação aos equipamentos coletivos e à infra-estrutura existente nas proximidades da casa/terreno” (RODRIGUES, 1994, p.14), a construção das Vilas Operárias tende a suprir esta necessidade do operário. A oferta de moradia aos trabalhadores representa um investimento com retorno em diversos momentos para as empresas. Isto é constatado pelo fato de que:

o primeiro problema com que o novo industrial depara está em atrair a força de trabalho e estabelecer relações de produção que não interrompam o fluxo da produção, ou seja, ajustar desde a extensão da jornada de trabalho até o salário que garanta a sobrevivência e a reprodução de força de trabalho ao menor preço possível (BLAY, 1985, p.40).

Aí se verifica claramente que as Vilas Operárias são construídas tanto para atender as necessidades básicas dos trabalhadores, garantindo assim a redução dos custos de produção, a permanência dos trabalhadores em seus postos de trabalho, como também para manter certo controle sobre a mão-de-obra.

Herédia (2003) ao fazer um estudo sobre a construção de Vilas Operárias em Galópolis, no Rio Grande do Sul, enfatiza as políticas sociais adotadas pela indústria têxtil na manutenção da vila e os mecanismos utilizados para atrair força de trabalho. Destaca que a classe patronal tende a sistematizar a força de trabalho via Vilas Operárias, reproduzindo de pai para filho à consciência coletiva frente a oferta de trabalho da indústria. Este fato pode ser constatado pela oportunidade de emprego às novas gerações, ou seja, os filhos assumindo o papel dos pais na produção industrial.

Para a autora chegar a tais conclusões pesquisou uma Vila Operária que começou a ser construída a partir de 1912, por uma indústria têxtil chamada Sociedade Chaves Irmãos. Neste momento as empresas industriais se preocupavam com a manutenção da força de trabalho, principalmente porque não era fácil encontrar força de trabalho especializada. A criação de uma Vila Operária solucionava esse problema à medida que garantia a fixação e imobilização da mão-

de-obra. Não cabe aqui descrever toda a pesquisa, mas sim, ressaltar que tanto na mesma época como na década de 1970/80 em Três Barras as Vilas Operárias tiveram o mesmo objetivo. A matéria prima (madeira) era encontrada em abundância, mas a necessidade de profissionais qualificados exigiu uma infraestrutura adequada. Para atraí-los ao município foram criadas as Vilas Operárias, um dos componentes das *company towns*.

Piquet (1998) analisa a formação no Brasil de cidades que se originam de núcleos urbanos construídos por empresas de grande porte. Para tal, faz um balanço do desempenho de cinco grandes empresas¹⁴, tanto do setor produtivo estatal quanto privado, compreendidas em setores competitivos internacionalmente, através de suas *company towns*. Em suas considerações aponta fases distintas na construção de Vilas Operárias, tais como o modelo de produção adotado pelas grandes empresas. No modelo fordista elas eram uma necessidade da produção, visto que possibilitavam um controle ampliado do capital sobre a mão-de-obra. Já em tempos recentes, no modelo flexível de produção, as Vilas Operárias pouco significam em termos financeiros. “Ao contrário do passado, quando as grandes plantas industriais organizadas segundo o paradigma fordista se fizeram acompanhar de concentração espacial da população e das atividades terciárias, a produção flexível do presente permite a desconcentração espacial” (PIQUET, 1998, p. 159).

Basicamente, portanto, o que Piquet (1998) propõe é que acompanhando as transformações da modernidade, as *company towns* vão perdendo a sua finalidade inicial. Num processo gradativo, de acordo com o projeto empresarial, elas tendem a ser incorporadas nos serviços públicos locais. Ou seja, com o crescimento do local elas passam a se mesclar na paisagem, assumindo novas funções. Os serviços básicos de energia, abastecimento de água, transporte são incorporados ao atendimento prestados pelo Estado ou serviços terceirizados.

Considerando-se que nossa pesquisa tem como objeto de estudo a Rigesa em Três Barras e que as Vilas Operárias fizeram parte deste empreendimento, procuramos investigar e avaliar como a propriedade da casa

¹⁴ As empresas pesquisadas foram: Companhia Siderúrgica Nacional que deu origem a cidade de Volta Redonda; Indústrias Klabin de papel e celulose, no município de Telêmaco Borba - PR; Aços Minas Gerais S.A no município de Ouro Branco-MG; Aracruz Celulose S.A no Espírito Santo e a Companhia Vale do Rio Doce, com o Projeto Ferro Carajás, na Pará.

interferiu e em que direção sobre a produção do espaço urbano. As políticas desenvolvidas pela transnacional frente às Vilas Operárias puderam responder a estas indagações.

Cabe ressaltar que geograficamente a materialização destas Vilas Operárias pode ser responsável pela estruturação de outros espaços. Assim ao pesquisarmos as mesmas estamos reconstituindo as formas pela qual o operariado e o capital transnacional atuaram como componentes capazes de interferir na produção dos novos espaços.

A escolha locacional das Vilas Operárias pode ser determinante para a estruturação do espaço intra-urbano, não apenas numa relação de alteração, mas também, como estruturação e reestruturação na formação dos novos bairros em seu entorno. Como afirma Villaça (1998, p. 25) “a localização é, ela própria, também um produto do trabalho e é o que especifica o espaço intra-urbano. Esta associada ao espaço intra-urbano como um todo, pois se refere às relações entre um determinado ponto do território urbano e todos os demais”.

Estes núcleos urbanos das *company towns* podem conduzir a organização do seu entorno que “é quase sempre visto como lugar oposto ao centro. Por razões analíticas ou, talvez de importância, o entorno é reconhecidamente apresentado como periferia de um outro posicionado referencialmente como central. É, portanto, tomado como hiterlândia mais próxima do centro” (TRINDADE JUNIOR, 2002, p. 140). Cerca de cem anos após a revolução industrial:

a periferia era entendida como uma espécie de território livre da iniciativa privada, onde, de forma independente, surgiram bairros de luxo (para abrigar os ricos emigrados do campo), unidades industriais maiores, depósitos. Estes novos setores da cidade foram com o correr do tempo, fundindo-se num tecido urbano mais compacto (SPOSITO, 2004, p. 54).

Para Sposito (2004, p. 274) o centro “constitui-se por meio de um processo de concentração de atividades comerciais, de bens e serviços, de gestões públicas e privadas, de lazer e de valores materiais e simbólicos em uma área da cidade”. Este centro passa por alterações no decorrer do processo histórico da produção capitalista, criando espaços de estratificação social. De acordo com Trindade Junior (2002, p. 141) “a perspectiva teórica da existência de uma estrutura do tipo centro periferia se aplica apenas nos casos ou nos momentos em que o

centro desenvolve relações de dominação e de vigilância em relação ao entorno, identificado como periferia”.

Nas periferias dos núcleos urbanos das *company towns* se estruturam novos loteamentos, bairros, surgindo ora espontaneamente, ora de forma planejada, que podem gerar a estratificação social. Isto decorre também do fato de que “a distribuição das residências no espaço produz sua diferenciação social e específica a paisagem urbana, pois as características das moradias e de sua população estão na base do tipo do nível das instalações e das funções que se ligam a elas” (CASTELLS, 1983, p. 249).

A importância do estudo das *company towns* está não somente no sentido de interpretar as relações sociais internas ali desenvolvidas, mas também nos processos e formas espaciais, “uma expressão usada por geógrafos para tentar dar conta do que ocorre no espaço ao longo do tempo” (CORREA, 1989, p. 370). Nesta perspectiva podemos através do estudo das *company towns* implantadas pelas transnacionais no município de Três Barras no decorrer do século XX apreender os processos e formas espaciais apontados por Correa (1989, p. 37) tais como: centralização e a área central; descentralização e os núcleos secundários; coesão e as áreas especializadas; segregação e as áreas sociais; dinâmica espacial da segregação; inércia e as áreas cristalizadas.

Destacam-se, em nossa pesquisa, esses diversos momentos através da análise da permanência do centro tradicional com alterações de suas respectivas funções que ora é transferida para novos bairros (a exemplo o centro comercial). Através da mobilidade residencial dos moradores das Vilas Operárias, quando da aquisição da casa própria, a sua participação torna-se ativa na formação dos novos loteamentos e bairros, ou seja, contribuem para a descentralização e centros secundários. A dinâmica espacial da segregação é constatada entre as formas diferenciadas de uso dos equipamentos como transporte, clubes, serviços de saúde e atividades culturais entre outros que na seqüência do trabalho serão analisados.

Araújo (2002) reconstruiu as alterações da paisagem da região industrial dos municípios de Niterói e São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro, através das memórias do trabalho. Neste estudo a autora apontou que o espaço urbano foi produzido partindo da Guanabara (Distrito Federal) e com a posterior implantação (em 1930) de estratégias de proteção fabril, como financiamentos e isenção de

impostos, criados pelo Estado. Desta forma incorporou toda uma organização sócio-espacial, criando uma nova paisagem para o lugar. A abordagem das transformações da paisagem via oralidade demonstraram que os novos objetos, com padrões arquitetônicos de outros lugares, diferenciavam do local e de que com o decorrer dos anos esses objetos passaram a criar novos espaços.

Em nosso caso de estudo poderemos usar a memória de alguns sujeitos, interpretando através das experiências reproduzidas por palavras ou imagens, explicações da participação das transnacionais na indústria madeireira, compreendendo assim o papel estratégico da localização industrial na produção espacial.

3 AS GRANDES CORPORAÇÕES, AS *COMPANY TOWNS* E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM TRÊS BARRAS

No capítulo anterior procuramos chamar a atenção para a produção do espaço urbano sob o prisma do capital transnacional, via grandes corporações, com ênfase nas *company towns*. No presente capítulo a análise será centrada no município de Três Barras.

As transformações vivenciadas neste município nas últimas décadas estabeleceram uma diversidade de formas espaciais e de conteúdos que evidenciam a complexidade de relações responsáveis pela atual dinâmica urbana, revelando o espaço como uma acumulação de tempos e de técnicas diferentes.

Inicialmente abordamos questões referentes à ocupação e colonização de Três Barras, com o intuito de resgatar as origens dos primeiros traçados urbanos. Neste sentido, discutimos o papel da empresa americana *Southern Brazil Lumber Colonization*, uma das empresas do Grupo Farquhar. Este empreendimento iniciou suas atividades na cidade a partir de 1911, instalando uma das maiores serrarias da América do Sul que, para dar suporte à produção, implantou uma *company town* no município, atuando até 1952, quando foi incorporada ao patrimônio da União.

Uma realidade específica serve de referência empírica para a análise, a *MeadWestewaco Rigesa Celulose, Papel e Embalagens Ltda.*, que a partir de 1956

implanta em Três Barras o departamento florestal e na década de 1970 a fábrica de papel e celulose, tornando-se um dos principais agentes de reorganização espacial.

Na seqüência, examinamos a corporação de forma ampla, seus vínculos industriais estabelecidos no território nacional a partir de Três Barras. Apontamos novos setores de trabalho gerados por esta transnacional, compreendendo desta forma, a dinâmica das atividades produtivas e sua interação no espaço intra-urbano.

As duas corporações *Southern Brazil Lumber Colonization* e *MeadWestewaco Rigesa Celulose, Papel e Embalagens Ltda* atuaram de forma decisiva na produção espacial. Esperamos ao final deste capítulo ter evidenciado a forma pela qual a localização industrial somada as estratégias de produção se relacionam com a produção do espaço urbano.

3.1 A FORMAÇÃO DA CIDADE DE TRÊS BARRAS E A ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Três Barras localiza-se na região Norte Catarinense, faz limites ao Norte com São Mateus do Sul e Antonio Olinto, ao Sul com Papanduva, a Leste com Mafra e a Oeste com Canoinhas e Major Vieira, como pode ser observado na figura nº. 01. Possui uma área territorial de 438 quilômetros quadrados, com uma população estimada pelo IBGE em 01.07.2006 de 18.224 habitantes. O município dista 373 km de Florianópolis, a capital do Estado e 279 Km do Porto de Itajaí.



Figura 1- Localização de Três Barras – SC Escala: 1:7500

Fonte: <http://wikipedia.org/wiki/Imagem:Santa>

Sua colonização inicia-se em 1850, quando uma extensa faixa de terra foi doada por D. Pedro II a José Teixeira Cordeiro e Lucas Cordeiro.

Esta área abrangia 30 mil alqueires, o que corresponde hoje ao total do município de Três Barras. Depois de criada a Província do Paraná no ano de 1853, estas terras inexploradas passaram ao domínio do Paraná¹⁵. Os sertanejos ao percorrê-la vão assim denominando os acidentes geográficos: Bugre, Pardos, Tigre, Duas Barras. Com o decorrer dos anos esta região passa a ser denominada de Três Barras, devido à presença dos três rios: Canoinhas, São João e Rio Negro.

A região foi ocupada por índios e bugres, como era típico na época dos primeiros desbravadores de terras. Nesta fase muitos conflitos envolveram a posse e o cultivo da terra. De acordo com entrevista realizada com o Sr. Luis César Pacheco¹⁶ o Cel. João Pacheco dos Santos Lima ao estabelecer morada no lugar denominado “Ilha”¹⁷ inicia a colonização. O referido Coronel firmou contrato com a família Cordeiro para medição e exploração das terras. Sua vinda da cidade da Lapa com a família deu-se através do Rio da Várzea, afluente do Rio Negro com canoas¹⁸ construídas especialmente para aquela finalidade. Em 1893, Benvindo Pacheco, filho do Cel. João Pacheco dos Santos Lima reagrupou os pioneiros com um grupo de vaqueiros protegendo-os e instalou-se nas terras de José Teixeira Cordeiro. Este foi fundador da fazenda do Bugre. Na mesma época outros colonos com sobrenomes como: Cavalheiro, Schuks, Maciel e Correia vieram e juntaram-se à colônia, iniciando a divisão das terras em lotes, distribuindo às famílias de colonos para serem cultivadas. Firmemente assentados os colonos iniciaram o cultivo do solo e a extração de erva-mate. As transações comerciais da colônia aconteciam no povoado de Rio Negro - PR, aproximadamente 70 km de distância.

Em relação à composição social do planalto catarinense esta “era caracterizada, esquematicamente, de um lado, por um grupo minoritário de pessoas

¹⁵ Em 05/03/1914 pela Lei 365, a comarca de Rio Negro (PR) torna Três Barras município e no dia 10/06/1914, é instalado seu primeiro Juiz municipal: Dr. Gil Costa, que ficaria na cidade até 1916. Após a decisão dos limites, na questão do Contestado, retoma a categoria de Distrito de Canoinhas, (SC) em 1917.

¹⁶ Luis César Pacheco é descendente do Coronel Pacheco.

¹⁷ A expressão “Ilha” foi adotada pelos colonizadores para o local da chegada dos primeiros colonizadores e permanece aos dias atuais. Não possui geograficamente as características da nomenclatura.

¹⁸ Uma dessas canoas encontra-se em exposição na sede do Campo de Instrução Marechal Hermes (CIMH).

que dispunham da posse legal de vastas porções de terras e, de outro lado, por um grupo majoritário composto de ervateiros (pequenos proprietários ou posseiros), peões-ervateiros e agregados” (AURAS, 1997, p. 32). Estes sujeitos estavam submetidos ao sistema do compadrio.

A primeira delimitação do que viria a ser o perímetro urbano tresbarrense está ligada à construção da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande pela *Brazil Railway Company*, por volta de 1910. A estação ferroviária de Três Barras foi inaugurada em 1913, aonde viria a ser o centro da cidade. Atualmente nela está instalado o Museu do Patrimônio Histórico Municipal de Três Barras.

O trecho catarinense desta ferrovia foi construído no período de 1907-1910. “Como parte do pagamento, a empresa recebeu uma doação de mais de seis mil quilômetros quadrados de terras, cobertas com cerca de 15 milhões de árvores em “idade de corte”. Para explorar tamanha riqueza, a empresa, construiu na cidade de Três Barras a maior serraria da América Latina e passa a expulsar a força os posseiros que ocupavam as terras” (SACHET, 1997, p. 508).

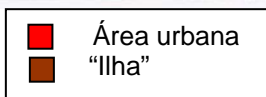
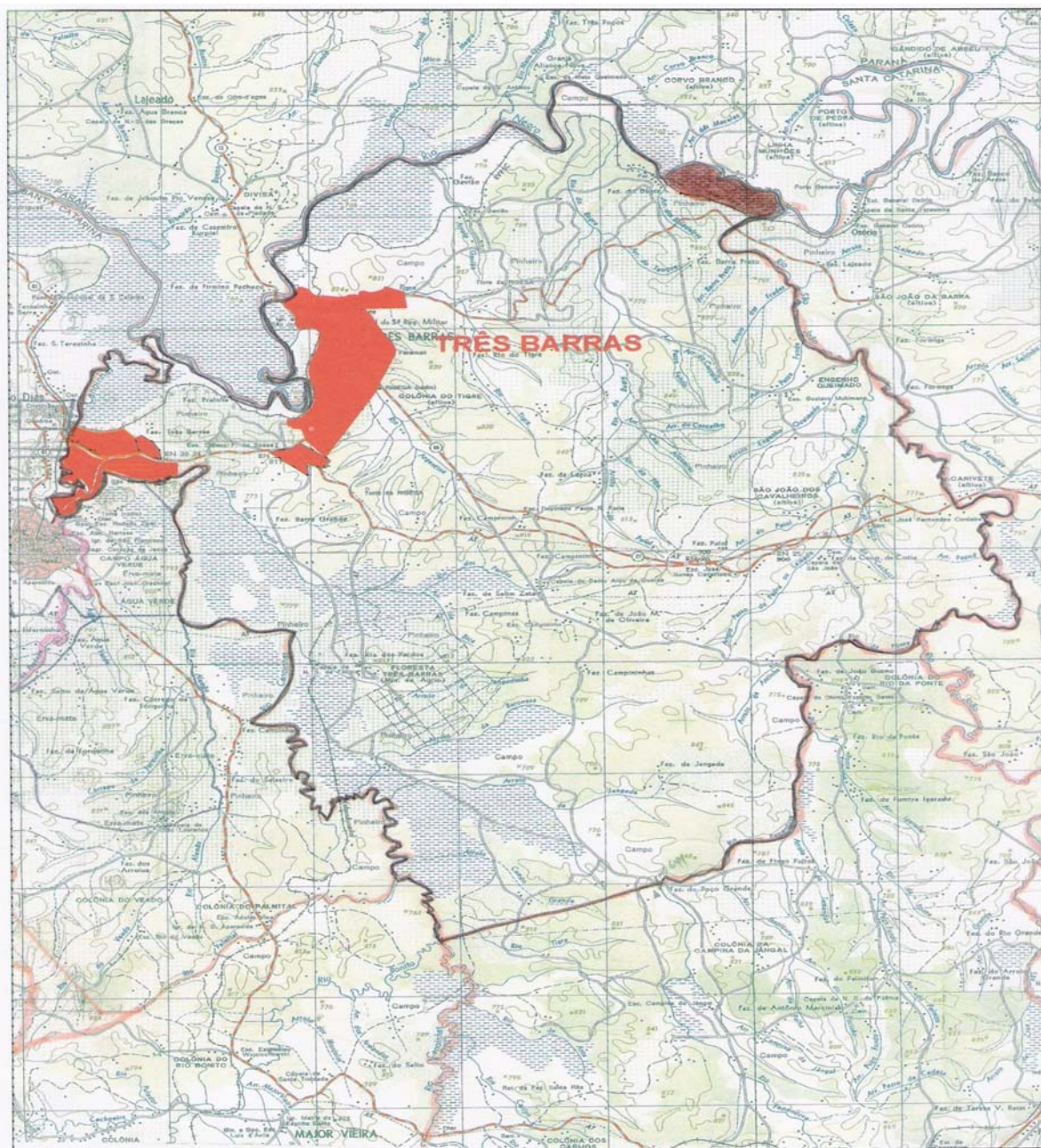
Neste contexto começa a operar a *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*¹⁹, que se tornou conhecida como Lumber, representando o avanço da ordem capitalista sobre a região. Quanto à posse de terras “chegou a somar ali 180 mil hectares, responsáveis pela constituição em Três Barras, da então maior serraria da América do Sul” (AURAS, 1997, p. 100). De 1916 a 1929 no auge da serraria a madeira era exportada para grandes centros do Brasil, da Europa e América do Norte.

Benvindo Pacheco vendeu seus pinheirais, imbuías e mais uma gleba de terras para a instalação da serraria e do sindicato. Quanto à instalação da indústria, esta privilegiou a área em torno dos terminais de transporte, ou seja, da ferrovia e do Rio Negro, iniciando o que viria a ser a atual área central da cidade.

No mapa 01 pode ser observada a “ilha” início da colonização com as famílias Cordeiro e Pacheco e o atual espaço urbano²⁰ do município.

¹⁹ Foi autorizado o funcionamento no país da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* pelo Decreto nº. 7.426 de 27 de maio de 1909.

²⁰ A evolução do espaço urbano do município será apresentada em detalhes no capítulo 3.



Mapa 1 - Área Urbana – Três Barras- – 2006 ESCALA: 1:100.000
 Fonte: Fundação IBGE – Primeira Edição 1973

Outra área ocupada pela Lumber destinada ao núcleo urbano que corresponde ao atual Loteamento Zilda Pacheco, na época conhecido como Bairro Argentina. Quando da enchente ocorrida por volta de 1920, houve a necessidade de um novo planejamento que levou a transferência de diversos estabelecimentos. A atividade madeireira em grande escala situada numa região isolada, exigiu da corporação a instalação de infra-estrutura, não somente capaz de dar suporte à

produção, mas também de abrigar e manter a força de trabalho. Essa indústria implanta assim a sua *company town*.

Para atender as necessidades básicas de seus funcionários graduados e pessoal administrativo foi construído um núcleo urbano com 214 residências, nas proximidades da serraria, como pode ser observado na foto 01.



Foto 1 - Vila Operária da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*- Três Barras

Fonte: JANSSON, 1918.

É notável a diferença arquitetônica das residências construídas na cidade demonstrando a influência das regiões de origem dos moradores. É o que pode ser observado na foto 02 da residência do diretor da Lumber Sherman Bishop, comparando-a com a foto 03 de residências dos moradores imigrantes. Estes imigrantes na maioria poloneses e ucranianos atraídos pela Lumber para o comércio ou atividades de colonização agrícola foram construindo as edificações na cidade.

Cabe ressaltar que a casa em destaque da foto 03 permanece até os dias atuais. Este serve de moradia localizada na rua Emiliano Uba, no centro da cidade.



Confortável casa de Sherman Bishop, um dos primeiros diretores da Lumber.

Foto 2 - Residência do Diretor da Lumber- Três Barras

Fonte: http://www.alca-bloco.com.br/ocontestado/fotos_historicas.htm



Foto 3 - Residências em Três Barras- Avenida Boa Vista- início do século XX.

Casa em destaque permanece como residência nos dias atuais.

Fonte: Santa Catarina: Fundação Catarinense de Cultura.

Algumas das residências²¹ da Lumber dispunham de água encanada, energia elétrica, aquecimento central e água quente provenientes das caldeiras que moviam a serraria.

A qualidade de vida proporcionada por essa *company town* foi produto do potencial e do horizonte de exploração madeireira e do nível de investimento realizado pela Lumber. Seus administradores conscientes das contradições a serem enfrentadas, pela realidade socioeconômica e mesmo culturais da região, cercam-se de todos os recursos técnicos disponíveis na sua implantação.

Através da *Brazil Development and Colonization Company*, que fazia parte da *Holding Brazil Railway Company*, a Lumber promoveu a vinda de imigrantes basicamente da Europa, destacando-se a Polônia²² e Ucrânia, tais como as famílias Protska, Kondageski, entre outros que para atuarem no setor agrícola. Estes se instalaram na Colônia Tigre, onde recebiam lotes e atuavam no setor agrícola. Desta forma a Colônia Tigre serviu de “celeiro” para a Lumber, com o abastecimento de produtos alimentícios para os funcionários da serraria. Merece destaque a família Szczerbowski, responsável pela “fábrica de cigarros que funcionava na colônia Tigre de nosso município, produzindo as marcas de cigarros: Três Barras, Rio Tigre e Norton” (A GAZETA, 2004, p. 12).

A *company town* possuía ainda uma fábrica de gelo, casa de hóspede cinema,²³ um dos primeiros do Brasil, que teve um amplo movimento. Os trabalhadores com seus familiares tinham acesso via vales que recebiam no pagamento. Podemos observar a *company town* da *Southern Brazil Lumber Colonization* no anexo A.

Quanto aos espaços esportivos, através de relatos orais, número de troféus que se encontram no museu da cidade e fotos, registra-se que aconteceram campeonatos de tênis de campo, basquetebol e futebol de campo onde, cabe

²¹ Algumas dessas residências assumiram funções diferenciadas como escritórios, refeitórios e residências dos militares. No decorrer dos tempos de acordo com o interesse do Exército Brasileiro, através do Campo de Instrução Marechal Hermes (CIMH) ali instalado após o término das atividades da Lumber.

²² A cidade chegou a contar com uma escola polonesa no local que corresponde atualmente ao Clube Sociedade Operária (centro da cidade).

²³ Atualmente o cinema vem passando por um processo de restauração, seu equipamento está exposto na sede do Campo de Instrução Marechal Hermes (CIMH).

ressaltar, foi construído um dos primeiros campos de futebol com sistema de drenagem da região sul do Brasil. O mesmo foi denominado “Estádio Artur Ferreira Ribas”²⁴, destaque regional, inaugurado em 1918.

Para Auras 1997, p. 42 na circunvizinhança da serraria “formou-se uma pequena cidade, na qual, todos os anos, a 4 de julho, via-se flutuar bandeiras estreladas dos Estados Unidos”, no âmbito interno da Lumber. Percebe-se a influência norte americana presente na cidade, como mostra a foto 04.



Foto 4 - Comemorações da Independência dos Estados Unidos da América - Três Barras- 1912

Fonte: Santa Catarina: Fundação Catarinense de Cultura.

Segundo entrevista realizada com o Sr. Salvador Dias dos Santos²⁵ e com sua esposa Sra. Rosinha dos Santos em alguns casos as famílias acompanhavam os trabalhadores nas casas improvisadas nos vagões de trem. Para aqueles que trabalhavam nas caldeiras, estas em número de cinco, que forneciam energia para toda a serraria, as esposas e familiares levavam o almoço na serraria. Neste momento tinham a oportunidade de presenciar o trabalho realizado.

Três Barras quanto ao planejamento do espaço urbano teve a influência da *company town* na área externa da empresa. Este fato pode ser analisado na

²⁴ Seu registro encontra-se no endereço <http://mavalem.sites.uol.com.br/sc/TresBarras.htm> (página com outros 34 estádios do estado de Santa Catarina)

²⁵ Nascido em 1915, Sr. Salvador veio da Lapa para trabalhar como agregado da família Pacheco. Em Três Barras trabalhou na Lumber e com o final das suas atividades aposentou-se como funcionário da Prefeitura Municipal. Conhecido na cidade como curador. Faleceu no ano de 2006.

figura 02, visto que o mesmo foi projetado pela empresa. Quanto ao ambiente urbano, as modificações aconteceram acompanhadas de um crescimento acelerado.

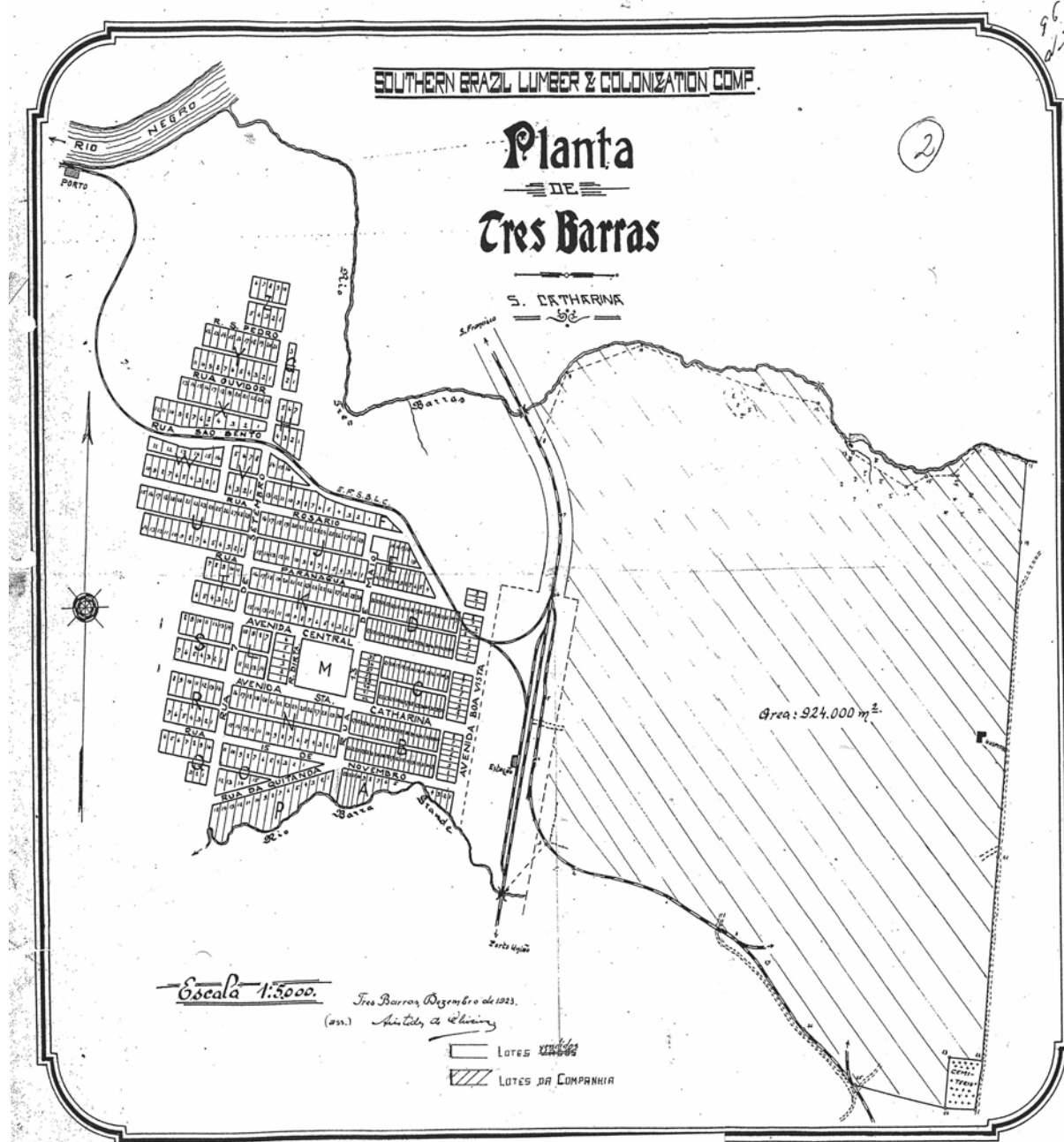


Figura 2 - Projeto da área urbana de Três Barras em 1923
Fonte: Southern Brazil Lumber and Colonization Company

A Southern Brazil Lumber and Colonization Company, através da sua *company town*, foi definindo os primeiros traçados da cidade. O traçado das ruas segue o modelo inglês, com “becos” para entrada e saída de cargas.

De acordo com a análise da figura 03 resgatamos a evolução das ruas da

área central da cidade de Três Barras, entre 1923 e 2006. Assim, setes ruas tiveram seus nomes alterados, outras quatro foram criadas e apenas uma foi extinta, ou seja, o traçado adotado no ano de 1923 sofreu o mínimo de alterações nos últimos 83 anos. No quadro 01 é possível conferir estas informações.

	Ruas existentes em 1923	Ruas alteradas em 2006	Ruas novas	Ruas extintas
01	Rua 15 de novembro			
02	Avenida Sta. Catharina			
03	Avenida Central			
04	Rua Paranaguá	Rua Roberto Olsen		
05	Rua do Rosário	Rua Professora Vitória Ossaif		
06	Rua São Bento	Rua Pedro Flores		
07	Rua do Ouvidor			
08	Rua São Pedro	Rua das Acácias		
09	Rua Quitanda	Rua Mario Denk		
10	Avenida Boa Vista	Rua Prefeito Emiliano Ubá		
11	Rua 13 de maio	Rua Profª. Nelide Mª Figueiredo		
12	Rua Dirta			X
13	Rua 7 de setembro			
14			Rua das Camélias	
15			Rua Manoel Benjamim Espindola	
16			Rua Projetada	

Quadro1 - Evolução das ruas da área central de Três Barras - 1923- 2006

Fonte: A autora

O traçado das ruas da cidade não sofreu alteração significativa no decorrer dos últimos anos. Os logradouros ainda podem ser visualizados. Através da foto 05 podemos observar a área central da cidade. Encontra-se na parte superior da foto (canto esquerdo) a área ocupada pela *company town* da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* e que atualmente é destinada ao Campo de Instrução Marechal Hermes (CIMH). Localizamos ainda na foto a estação ferroviária. Desta forma fica evidente que a formação do núcleo urbano tresbarrense esteve voltada às ações do capital transnacional do início do século XX e de que suas características estão presentes na atual configuração urbana.

Área da *Lumber* – atual Sede do Campo de Instrução Marechal Hermes
 Prefeitura Municipal Estação Ferroviária



Foto 5 - Área central de Três Barras-SC
 Fonte: CORDEIRO, 2006

A serraria *Lumber* em Três Barras enfrentou o impacto da conjuntura econômica internacional com a queda da Bolsa de 1929, a mudança na estrutura política nacional (passagem da República Velha ou República dos coronéis 1889-1930 para o governo de Getúlio Vargas 1930-1945), somada a escassez da madeira da região decorrente do impacto exploratório, diminuindo assim suas atividades. O cenário local transforma-se a partir da década de quarenta, quando Getúlio Vargas estatizou a empresa e esta solicitou concordata, gerando centenas de desempregados, passando a ser administrada pelo então Ministério da Guerra. Neste período ainda foram criadas laminadoras²⁶ marcenaria e carpintarias.

Em 1943 a serraria já incorporada a União contava com 809 funcionários, como pode ser observado no quadro 02. Destes 127 eram naturais da Europa, 2 empregados dos Estados Unidos da América e possuía ainda 678 com naturalidade brasileira (grande maioria eram de Santa Catarina e do Paraná). Cabe ressaltar que

²⁶ Laminadoras: máquinas para fazer lâminas, ou reduzir a espessura das madeiras.

o fluxo maior de imigração aconteceu no início das atividades da Lumber com a implantação da Colônia Tigre.

A influência desta migração na formação da sociedade tresbarrense pode ser observada nos dias atuais através dos seus descendentes. Muitos dos descendentes dos trabalhadores, mesmo depois do término das atividades da Lumber permaneceram no município, o que pode ser observado pela análise dos sobrenomes que permanecem na população local.

Origem dos trabalhadores	Número de trabalhadores	%
Brasileiros	678	83,8
Europeus	127	15,6
Americanos	03	0,3
Ignorado	01	0,1
Total	809	100

Quadro 2 - Descrição de trabalhadores da *Lumber* quanto a nacionalidade

Fonte: Registros da *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*- 11.05.1943

Em 1952, sob o governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, ocorreu a transferência do patrimônio da *Lumber* para o Ministério de Guerra²⁷. Esta área passou a pertencer ao Ministério do Exército e foi destinada para a implantação de um campo de instrução de manobras militares, dos quais 924.000m² estão localizados no centro da cidade.

A implantação da *company town*, por parte da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, garantiu não somente o funcionamento da serraria, como

²⁷A transferência ocorreu a 10 de setembro de 1952, através da portaria n.º.952 n.º 4252, de 19 de agosto de 1952. Segundo a qual fica autorizado a transferência dos bens da *Southern Brazil Lumber Colonization Co.*, incorporada ao Patrimônio da União para o Ministério da Guerra.

também, as mais diversas possibilidades de atividades socioculturais para os moradores acelerando o crescimento econômico da região, na época em que estava em funcionamento.

Com o fim das atividades pouco restou para o município, muitos desempregados, uma grande área de desmatamento, as atividades sociais e culturais passaram a fazer parte das lembranças daqueles que vivenciaram o auge da serraria. Este impacto é reconhecido através da memória local como “no tempo da Lumber”, demonstrando que apesar de todos os aspectos de modernidade da *company town*, esta fazia parte da realidade vivida pelos sujeitos sociais do município enquanto esta se fez presente na cidade, pois estes sem a presença norte americana não conseguiram manter os hábitos socioculturais anteriormente praticados.

3.2 DA IMPLANTAÇÃO DA TRANSNACIONAL RIGESA/MEADWESTVACO EM TRÊS BARRAS À ATUAL CONFIGURAÇÃO URBANA

Com o fim das atividades da Lumber na década de 1950, inicia-se uma fase de estagnação econômica em Três Barras. Cabe ressaltar que neste período a área era Distrito de Canoinhas. De acordo com informações prestadas por Gerson Eduardo de Souza²⁸ a migração foi uma realidade presente e para aqueles comerciantes que decidiram permanecer no local a emancipação política mostrou-se uma alternativa de solução ao retorno do crescimento econômico. O movimento contestatório iniciou com o conhecido “Grupo dos Onze”. Assim em 1961 Três Barras é elevada à categoria de município.

Um fator relevante e até mesmo estimulante para a economia da cidade foi a instalação ainda na década de 1950 da Rigesa, com o projeto de cultivo de pinus para a futura instalação de uma fábrica de papel. Desta forma o capital transnacional se fez presente novamente no município por meio da instalação desta transnacional. Procuramos nas linhas subseqüentes apresentar dados referentes à

²⁸ Gerson Eduardo de Souza, advogado e vereador da Câmara de Vereadores de Três Barras, é filho de Jorge de Souza que em março de 2007 lançará o livro *A casa Brasileira* pela editora Nova Letra de Blumenau. Neste livro apresentará informações referente a formação histórica do Município de Três Barras.

corporação para na seqüência relacionarmos a mesma com a área em estudo. Questões voltadas à economia e aos setores de trabalho do município são discutidas com o intuito de analisarmos no intra-urbano o processo de produção espacial vinculado as ações da Rigesa / MeadWestvaco.

3.2.1 Expansão, diversificação e novos ramos das atividades produtivas da Rigesa/MeadWestvaco.

A Rigesa é subsidiária da *MeadWestvaco Corporation* e atua há 64 anos no Brasil. O embrião da Rigesa surgiu em 04 de agosto de 1942, em Souza, Distrito de Campinas no interior de São Paulo. “A Fábrica de Papelão Campinas, hoje Rigesa, foi fundada por Aldo Foresi, Jasper Bresler, a família Gerin e a McHardy manufatureira como sociedade comercial em comandita simples” (RIGENEWS, 2002, p.8). De início teve o nome de Fábrica de Papelão Campinas, posteriormente passou para Gerin Foresi & Cia e suas instalações mudaram para Valinhos. A empresa norte-americana Westvaco Corporation, adquiriu a Rigesa em 09 de junho de 1953, mudando o nome para Rigesa Celulose, Papel e Embalagem S.A, passando a distribuir estrategicamente suas filiais pelo país.

Esta expansão vem acontecendo de forma processual de acordo com os investimentos e lucratividade. Ela possui uma ampla escala de operações, pois manipula matéria prima (milhares de toneladas de madeira), bens intermediários (papel) e produtos finais (embalagens de papelão ondulado, microondulado e ao consumidor). Possui uma natureza multifuncional, como diria Correa (1991) com três modos de expansão: concentração vertical, horizontal e conglomerado. A figura 03 apresenta as unidades produtivas e escritórios de representação da Rigesa no país em 2006.

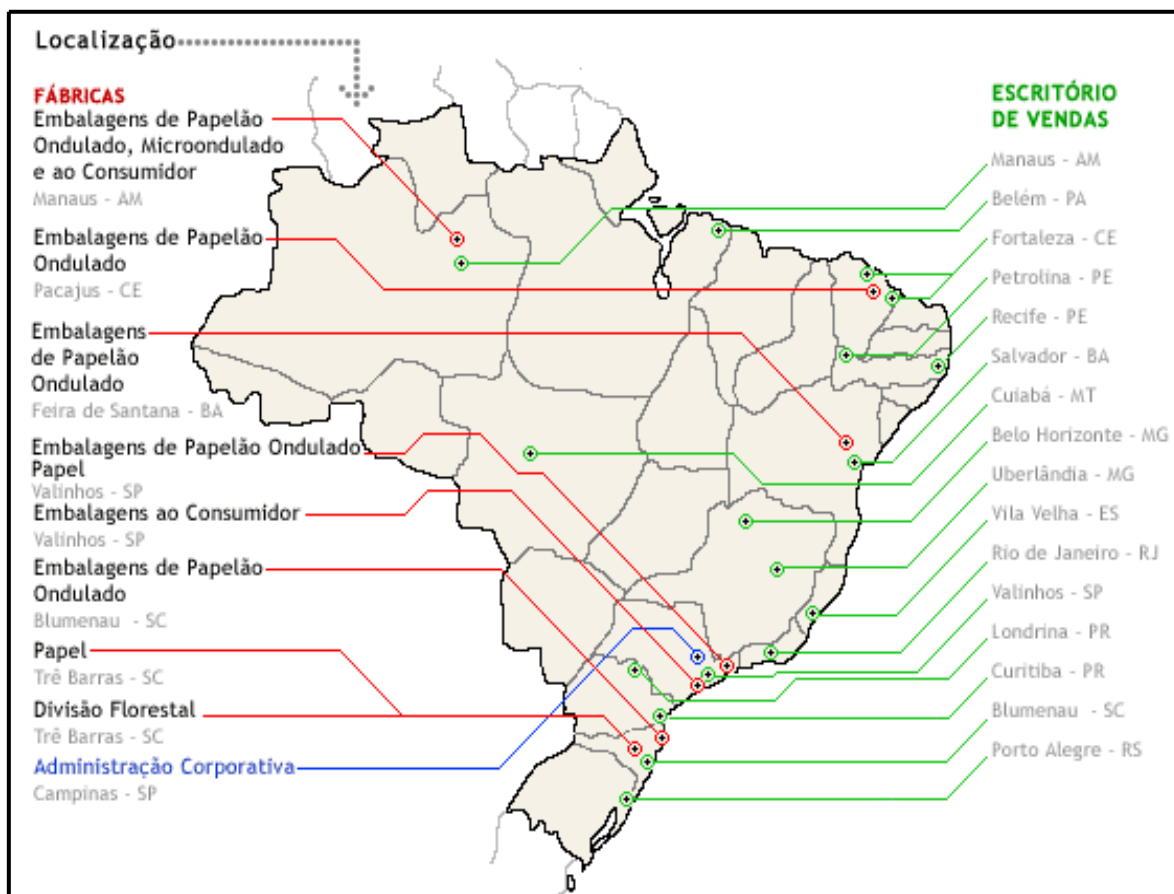


Figura 3 - Unidades produtivas e escritórios de venda da Rigesa Soluções em Embalagens MeadWestvaco no Brasil, 2006.

Fonte: www.rigesa.com.br/

A concentração vertical com suas diversas unidades integradas entre si, produz respectivamente matéria prima, bens intermediários e produtos finais, como pode ser observado no quadro 03.

Ano	Local	Atividades
1953	Valinhos-SP	Fábrica de embalagens de papelão ondulado e papel
1952	Três Barras-SC	Divisão Florestal
1974	Três Barras-SC	Fábrica de papel
1978	Blumenau -SC	Fábrica de embalagens de papelão ondulado
1984-1985	Manaus - AM	Fábrica de embalagens de papelão ondulado
1996	Pacajus -CE	Fábrica de embalagens de papelão ondulado
	Feira de Santana - BA	Fábrica de embalagens de papelão ondulado

Quadro 3 - Concentração Vertical - Rigesa -1953-2006

Fonte: www.rigesa.com.br/

A Rigesa atua desde 1956 na área de reflorestamento e produção de papel em Três Barras. As plantações de pinus e de eucalipto suprem atualmente

próximo de 75% das necessidades de madeira da fábrica de papel. Com capacidade de produção de 2.800 Kg de sementes de pinus e 50 KG de sementes de eucalipto no ano de 2006, possui uma área de 48.650 hectares, para os produtos: sementes, mudas e toras. Com a desativação do fabrico de celulose com pinho e bagaço de cana em Valinhos-SP. A Rigesa passou a praticar a verticalização de suas atividades em Três Barras com o plantio das sementes até o produto acabado.

No mesmo município, em 1974 foi inaugurada a fábrica de papel, que produz papel kraftliner de fibra virgem em várias gramaturas. Além de suprir as demais fábricas de embalagens da Rigesa, essa fábrica atua no mercado internacional²⁹.

A cidade de Blumenau – SC recebeu os empreendimentos da Rigesa a partir de 1978. Na região produz embalagens de papelão ondulado. Devido a sua localização atende aos estados do sul do Brasil.

Na década de 1980, mais especificamente entre os anos de 1984 e 1985 foi instalada no Distrito Industrial de Manaus (AM) a fábrica de embalagens de papelão ondulado, com o objetivo de atender ao complexo industrial da Zona Franca de Manaus e outras cidades do Norte do Brasil. As bobinas de *Kraftliner* e miolo são expedidas das fábricas de papel de Três Barras - SC e Valinhos – SP, por caminhão ou navio, para serem utilizadas no processo de fabricação de caixas. A fábrica tem capacidade para produzir ainda produtos de consumo para indústrias alimentícias, equipamentos eletrônicos e motocicletas, com ênfase na indústria de eletro-eletrônicos. A partir de 2001 passou a produzir embalagens de papelão microondulado e de papelcartão.

Continuando seus investimentos no país, a Rigesa inaugurou em 1996, a fábrica de Pacajús –CE, que produz embalagens de papelão ondulado, atendendo à demanda de vários mercados, e embalagens Plaform®, voltadas exclusivamente ao mercado de fruticultura, nos estados do Nordeste do Brasil.

Localizada na cidade de Feira de Santana (BA), a 100 km de Salvador, a segunda fábrica da Rigesa na região Nordeste e a quinta no Brasil, possui área

²⁹A Rigesa recebeu no dia 14 de junho o Prêmio Mérito Exportação 2005, oferecido pela Revista Madeira, pelo destaque nas exportações do setor no ano de 2004, conforme levantamento efetuado junto ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, que divulgou a lista oficial com os nomes das maiores empresas exportadoras do país. Elas representam mais de 90% do volume total exportado pelo Brasil nos respectivos setores. Rigeinforma. Ed. N.º 65- Julho/Agosto de 2005. Informativo da Fábrica de Papel e Divisão Florestal da Rigesa em Três Barras, p.3.

construída de 25 mil m² e capacidade produtiva projetada para 50 milhões de m² de embalagens por ano.

No que se refere a concentração horizontal, ou seja, as fusões/ aquisições de outras empresas para a formação de novas unidades integradas, a Rigesa vem agregando à corporação novos empreendimentos. Como pode ser observado no quadro 04.

Ano	Tipo de Investimento
1942	Fábrica de embalagens de papelão ondulado.
1953	Westvaco Corporation adquire a Ribeiro Gerin S.A.
1996	Aquisição da Impressora Paranaense S.A. Valinhos SP (produtora de embalagens).
1998	Operações com a empresa espanhola Cartisa, para fabricação de embalagens.
1998	Operações com Bulk Container (Mill Mate R), em parceria com a Rockwell Fumagalli, fabricante de rodas.
2000	Aquisições de ativos da Agaprint Embalagens.
2002	Fusão da Mead com a Westvaco Corporation.
2004	Aquisição da Tilibra S.A Produtos de Papelaria.

Quadro 4 - Concentração Horizontal da Rigesa

Fonte: www.rigesa.com.br/

A fusão das empresas³⁰ Mead Corporation e Westvaco Corporation aconteceu em janeiro de 2002, respectivamente com a seguinte formação: Mead: fundada em 1846 em Dayton/OH e a Westvaco em 1888 em Luke/MD. A MeadWestvaco Corporation (MWV) é uma sociedade de origem norte-americana, pertencente ao Grupo MeadWestvaco Corporation. Os acionistas que detêm, no mínimo, 5% do seu capital são: Capital Research and Management Company. (11,2%), AXA Financial, Inc. and related entities (10,1%) e MeadWestvaco Corporation (9,2%).

³⁰ As informações sobre a fusão foram extraídas do relatório sobre o Projeto P&D "Rigesa" do endereço eletrônico: [file:///A:/\[Docentes\]/DIVULGAÇÃO/PROJETO DE P&D RIGESA htm](file:///A:/[Docentes]/DIVULGAÇÃO/PROJETO DE P&D RIGESA htm). consultado em 20/07.2006

A análise do crescimento vertical e horizontal da Rigesa foi realizada no intuito de podermos demonstrar o papel estratégico de Três Barras na demanda da produção da corporação. Neste sentido damos continuidade a análise das relações de produção da transnacional com a cidade de estudo na perspectiva de compreender quais as transformações urbanas foram fundamentais para o sistema produtivo da corporação.

3.2.2 A dinâmica das atividades produtivas da Rigesa/MeadWestvaco e suas repercussões na produção espacial

A presença da transnacional Rigesa com a fábrica de papel e celulose e área florestal em Três Barras é um exemplo da influência externa na distribuição dos equipamentos e atividades produtivas e ainda de atuar como um agente de regulação do espaço urbano, dos fluxos do comércio e das interações sociais.

Os novos ritmos e os novos objetos inseridos na realidade local com a transnacional levaram à convivência de técnicas e de tempos diferentes, conduzindo a comunidade numa inserção gradativa da transformação do espaço intra-urbano face ao movimento de reprodução do capital mais amplo.

Os impactos desses conflitos e contradições são amenizados pelos discursos sobre os novos objetos, como modernizadores, conseguindo adesões, definindo assim novos espaços geográficos.

A primeira gleba de terras, no centro da cidade, foi negociada pela Rigesa com as famílias Pacheco e Tabalipa em 1956.

Atualmente a Rigesa controla 8.872 hectares em Três Barras. Inicialmente foram 1.016 hectares, às margens do Rio Negro. Os mil hectares iniciais serviram de base para as operações florestais. A Divisão Florestal foi totalmente finalizada em 1958, iniciando com plantações de araucárias, porém, o lento crescimento dessa espécie levou no ano de 1964 à busca de outras opções, como o *pinus tarda* e o *pinus elliotti*, oriundos de sementes importadas dos Estados Unidos. O local escolhido para a construção da fábrica foi a Fazenda Volta Grande, a margem do Rio Negro, no ano de 1970. “Nessa época, em torno de mil pessoas trabalharam nas

obras de construção da fábrica” (RIGENEWS, 2002, p.4), foram ainda realizadas a “contratação de fornecedores de mais de vinte e cinco países” (RIGENEWS, p. 4, 2002).

No ano de 1974 aconteceu a inauguração da fábrica de papel. O primeiro lote de papel foi expedido com uma frota de caminhões carregados com quase 60 toneladas de papel, com destino à cidade de Valinhos - SP.

Ao analisarmos a foto 06 quanto ao espaço destinado à fábrica de papel, podemos localizar o Rio Negro, os escritórios da Rigesa (edificações na entrada da fábrica) e uma parte do clube da transnacional. Como planejamento estratégico de ocupação foi planejada uma barreira natural de acesso a fábrica.

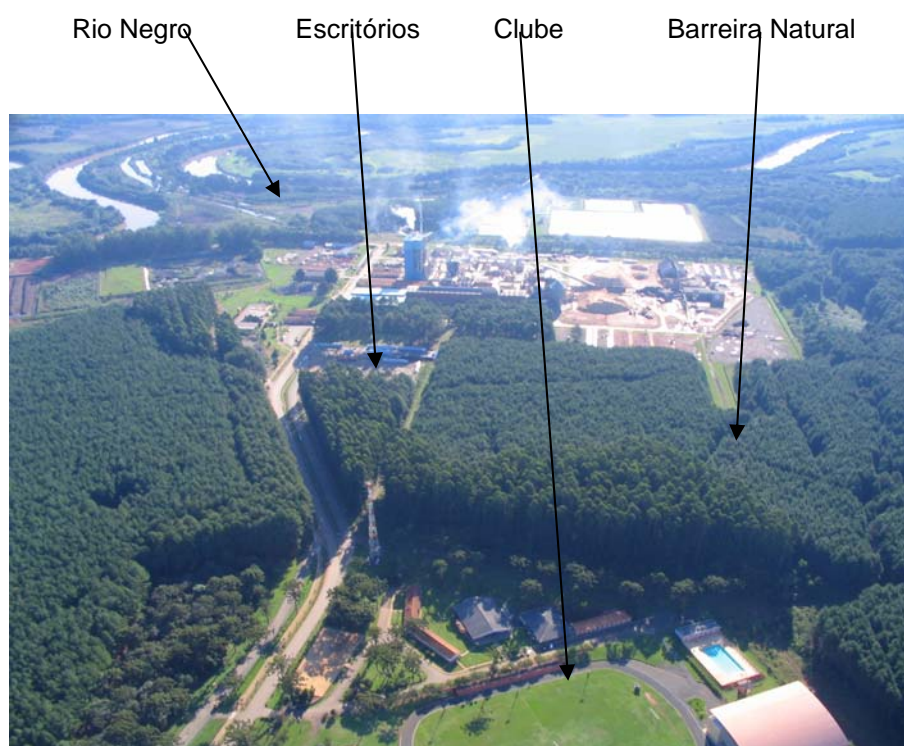


Foto 6 - Fábrica da Rigesa- Três Barras - SC
Fonte: CORDEIRO, 2005.

A ausência de estradas na época de implantação da transnacional no entanto, dificultava o acesso a essa área, o que impediria, posteriormente, o escoamento da produção, razão pela qual Três Barras teve obras complementares para a instalação da Rigesa. Podemos destacar entre estas obras as que envolvem o sistema rodoviário. Foram pavimentadas a BR 280, estradas que ligam a sede do

município à atual BR 280 foram abertas; as estradas do interior passaram a ter assegurada a sua manutenção, garantindo a ligação do transporte da madeira para a fábrica de papel. Algumas estradas precisaram ter o trajeto alterado, visando atender os interesses da indústria. Na foto 07 observamos a entrada do Departamento Florestal e do aeroporto. Uma área nas proximidades está destinada ao plantio de pinus.

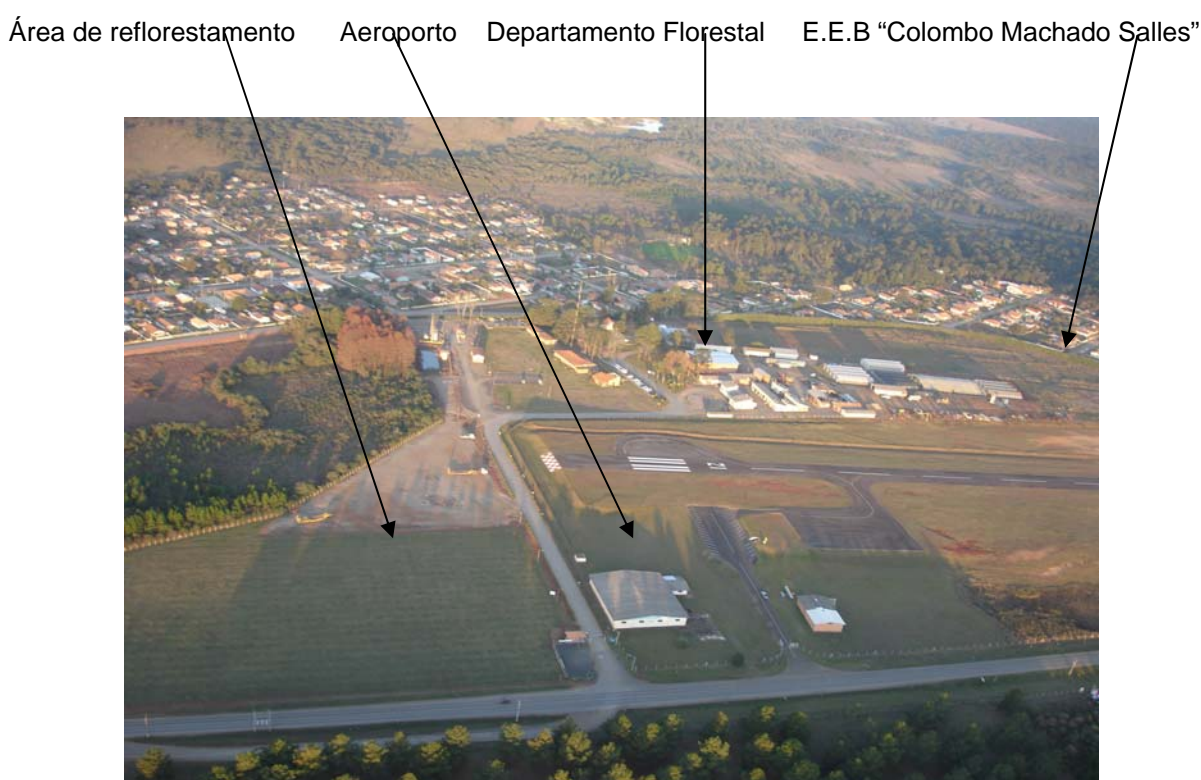


Foto 7 - Departamento Florestal da Rigesa
Fonte: CORDEIRO, 2005

Nas adjacências do Departamento Florestal foi instalada a E. E. B “Colombo Machado Salles”³¹, em 1976. Esta instituição de ensino oferecia, no início de suas atividades, além do Ensino Fundamental os cursos de Auxiliar de Laboratório de Análises Químicas que a partir de 1981 foram substituídos pelos cursos de Magistério e Técnico em Contabilidade no Ensino Médio. Estes cursos deram impulso na questão social e profissional no município, visto que foi o primeiro colégio com Ensino Médio no município. Outro ponto a destacar é o fator locacional,

³¹ As informações referentes à unidade escolar foram extraídas de entrevista com o Sr. Antonio Tsonoda e do Projeto Pedagógico (PP) da Unidade escolar.

este propiciou a extensão ocupacional de uma área até então desabitada, estimulando o fluxo do comércio e transporte.

Quando da instalação da transnacional observou-se uma escassa mão de obra local, reflexo da situação estabelecida pela *Southern Brazil Lumber & Colonization Co - LUMBER* que havia encerrado suas atividades deixando inúmeros desempregados que migravam para outras regiões. Assim os primeiros trabalhadores foram recrutados de cidades vizinhas.

O acelerado crescimento populacional decorrente dos novos investimentos de capital no município contribuiu para o início de uma nova fase de crescimento tanto nos aspectos econômicos como de ordem social, o que veio a contribuir para a produção de um novo espaço na cidade. Neste aspecto Três Barras possuía em 1960, época em que as atividades da transnacional estavam voltadas ao Departamento Florestal, uma população de 4.114 habitantes. Quando iniciaram as primeiras atividades da fábrica em 1970 a população somava 6.411 habitantes de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE). A tabela 01 permite observar que após uma década da instalação da indústria a população passou para 11.346 habitantes. Este crescimento refletiu na área urbana com um acentuado adensamento populacional.

Tabela 1- Evolução demográfica do município de Três Barras -1960-2000

Período	População	Urbana	%	Rural	%	Urbana Sede	Distrito/São Cristóvão
1960	4.114	1.608	25,9	2.506	60,9	1.608	*****
1970	6.411	2.001	31,2	4.410	68,7	2.001	*****
1980	11.346	5.453	48,0	5.893	51,9	5.453	*****
1991	15.606	12.458	79,8	3.148	20,1	6.139	6.319
1996	16.774	13.419	79,9	3.355	20,0	6.474	6.945
2000	17.120	14.226	83,0	2.894	16,9	6.987	7.239

Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Quanto à distribuição da população no município em termos de porcentagem, a população urbana respondia em 1970 por 30,9% da população total e a rural 69,1%. Depois de duas décadas aconteceu uma inversão nestes números, a população urbana passou a ser da ordem de 79,9 % e a rural 20,1%. No ano de

2000, 83,1% da população residia na área urbana e 16,9% na área rural do município.

Num comparativo da distribuição da população em porcentagem, Três Barras concentrava no ano de 2000 em sua área urbana 83,1% da população, enquanto que no estado de Santa Catarina essa taxa de urbanização era de 78,7% e no Brasil de 81,6%.

Nos anos de 1970 e 1980 a transnacional construiu três Vilas Operárias, nas proximidades da fábrica, para o pessoal envolvido nas operações. Estas Vilas Operárias chegaram a apresentar as características de *company town*, uma vez que continham além das moradias, os equipamentos urbanos essenciais, abrigando o pessoal ligado ao empreendimento.

Nos arredores das Vilas Operárias da Rigesa o restante da população, não diretamente vinculada a transnacional se “instala” como pode. É de lá que é recrutada a mão-de-obra necessária aos serviços menos qualificados, tais como os ligados as atividades domésticas e de limpeza, ao transporte de carga e de passageiros, além dos de segurança.

Quanto a área central da cidade, onde “concentram-se as principais atividades comerciais, de serviços, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos” (CORREA, 1989, p. 38) foi sofrendo um crescimento espacialmente descentralizado, através dos agentes sociais com suas estratégias de ação, ou seja, dos proprietários dos meios de produção (Rigesa) em consonância com os proprietários fundiários locais.

No que se refere ao processo produtivo da Rigesa este interfere de forma intensiva no espaço urbano, visto que tanto a matéria prima (madeira) como o produto final (papel) tem fluxo de circulação na área urbana da cidade devido a localização da fábrica. Na seqüência apresentamos dados referentes a esta questão. Podemos observar na figura 04 a área ocupada pela Rigesa

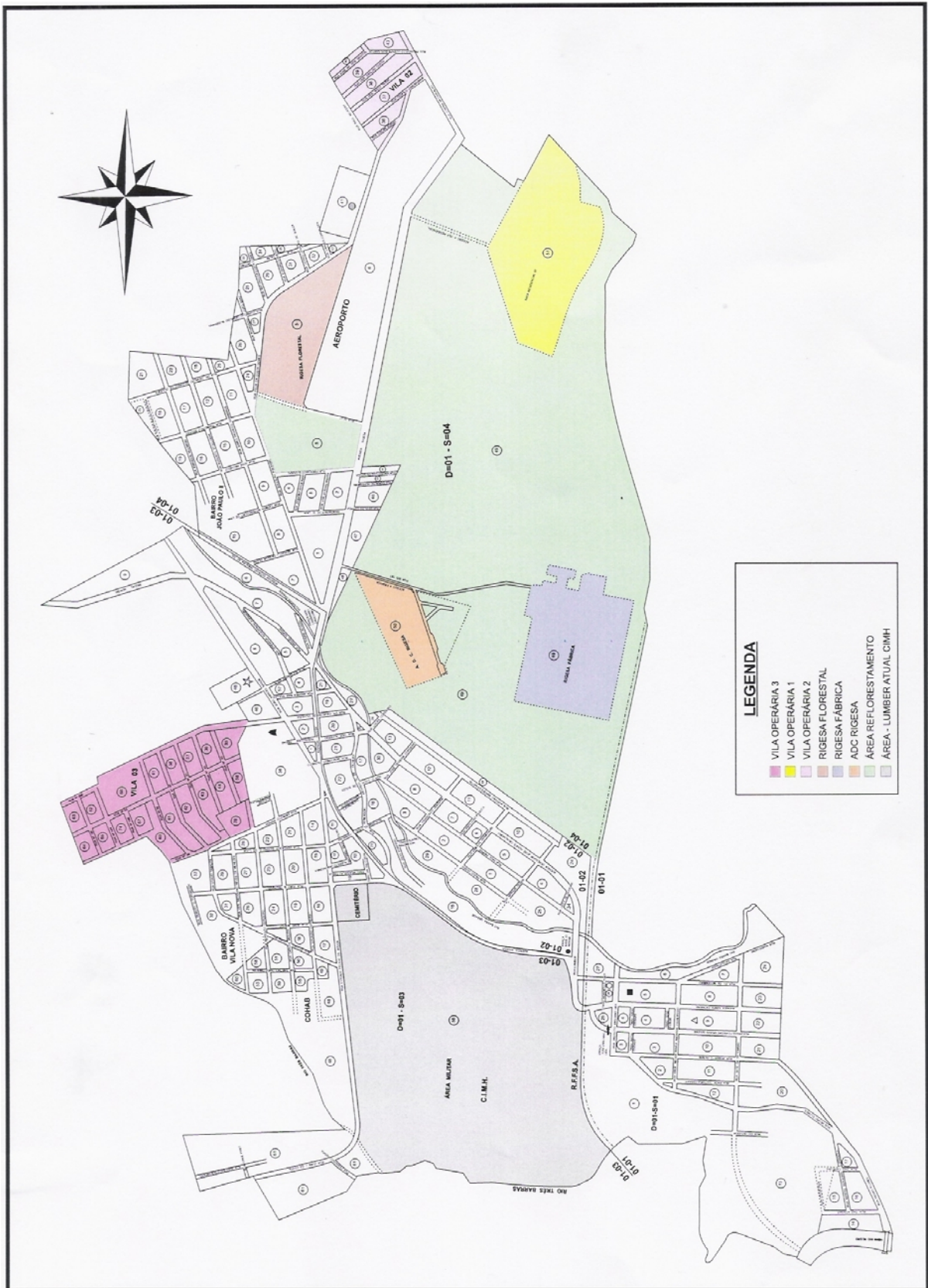


Figura 4 - Localização da *company town* da Rigesa – Três Barras- SC- 2006

Fonte: Prefeitura Municipal de Três Barras.

3.2.2.1 Fluxo de transporte via transnacional Rigesa/MeadWestvaco e seu impacto no espaço urbano de Três Barras

A produção de papel da transnacional depende do transporte madeireiro das áreas de reflorestamento para a fábrica. Este fato transforma o cenário local devido ao grande fluxo de caminhões circulando nas proximidades da área central da cidade. O impacto é visível não apenas na malha rodoviária como nos meios de comércio que acabam por estarem voltados aos veículos automotores. Algumas das transportadoras do município que realizam este transporte madeireiro também estão instaladas nas proximidades da fábrica. Desta forma, por serem grandes consumidoras de espaço, para estacionamento e garagem das carretas, interferem de forma direta na produção espacial. Outro ponto relevante quanto a produção e circulação está no escoamento do papel. Podemos verificar com os dados da tabela 02 o comparativo na produção em metros cúbicos de madeiras toras para celulose, papel e outras finalidades, bem como da frota de caminhões de Três Barras com os demais municípios associados a Associação dos Municípios da Região do Contestado (AMURC).

Tabela 2 - Comparativo entre municípios da AMURC – produção (metros cúbicos) de toras e frotas de caminhões

Municípios	Área	População 2005	Madeira tora para papel e celulose-2003	Madeira tora para outras finalidades-2003	Total de madeira tora produzida-2003	Frota de caminhões 2004	Frota de caminhões trator-2004
Três Barras	438	18.056	290.000	260.000	550.000	221	113
Porto União	851	33.095	60.000	65.000	125.000	454	37
Major Vieira	526	6.643	140.000	230.000	370.000	119	4
Irineópolis	591	9.716	30.000	140.000	170.000	177	16
Bela Vista	535	5.718	26.000	140.000	166.000	60	1
Canoinhas	1.145	52.871	130.000	82.000	212.000	999	100

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/>

A produção da Rigesa se caracteriza por um sistema produtivo semi-verticalizado, onde produz parte da matéria-prima básica, *pinus* para a produção de fibras longas e eucaliptos para fibras curtas. O transporte desta madeira é realizado por terceiros. Assim a grande empresa acaba por atuar no espaço através de outros setores que diretamente estão ligados a sua produção, é o caso das transportadoras. De acordo com informações do funcionário da Prefeitura Municipal de Três Barras o município conta com 23 firmas de transportes de carga.

Dentre as principais atividades vinculadas diretamente à produção da fábrica de papel estão os serviços de transporte, que de forma direta conduzem ao trabalho de reparos e equipamentos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), que se encontram na tabela 03, existiam em 2003 no município 555 empresas formais, sendo que os setores de reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos predominavam no comércio local.

Tabela 3 - Empresas do município de Três Barras - SC - 2004

Estrutura empresarial	Unidades	Pessoal ocupado total	Pessoal ocupado assalariado
Comércio: reparação de veículos automotores, objetos pessoais e domésticos.	254	511	208
Alojamento e alimentação	70	91	11
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais.	60	63	30
Indústrias de transformação.	45	1.735	1.691
Transporte, armazenagem e comunicações.	51	210	137
Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços prestados às empresas.	35	96	49
Agricultura, pecuária, silvicultura e exploração florestal	18	299	272
Construção	12	62	49
Indústrias extrativas	3	12	9

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/>

Quanto ao Valor Adicionado Fiscal (VAF) o município cresceu 28,7% entre os anos de 2000 e 2003. Somente os 20 maiores VAF's representavam 99,6% de todos os valores. Pouco mais de 83% do valor adicionado fiscal do município concentrava-

se praticamente em três atividades: fabricação de papel, transporte rodoviário de carga em geral, intermunicipal, interestadual e internacional; serrarias com desdobramento de madeira. Em 2003 o valor adicionado fiscal somente destas três atividades foi de quase 117 milhões de reais, lembrando que a fabricação de papel é exclusividade da Rigesa, como mostra o quadro 05.

Atividades	2000	2001	2002	2003
Fabricação de papel	83.497.059	78.864.317	100.668.145	95.230.563
Transporte rodoviário	9.341.797	8.488.765	11.632.504	12.681.666
Serrarias/desdobramento de madeira.	5.291.368	7.330.127	8.237.183	9.620.140
Silvicultura e exploração florestal	-----	-----	7.634.656	9.608.516
Fabricação de madeira laminada e de chapas de madeira compensada, prensada ou aglomerada.	3.571.380	6.016.941	8.259.397	8.303.187
Comércio a varejo de combustíveis e lubrificantes para veículos automotores	452.602	922.973	921.015	898.012
Comércio varejista de móveis	-----	65.220	407.986	582.492
Reciclagem de sucatas não-metálicas	-----	-----	153.161	563.213
Fabricação de artefatos de plástico.	-----	48.806	187.641	473.342
Comércio varejista com predominância de produtos alimentícios em área de 300 e 5000 m2-supermercados	421.337	534.807	475.544	371.544

Quadro 5 – Descrição do Valor Adicionado Fiscal – VAE- Três Barras – SC - 2000-2003
Fonte: SEBRAE/SC - Janeiro/2005

A atividade econômica que mais emprega no município é a indústria de transformação. O quadro 06 demonstra estas informações. Para cada 10 postos de trabalho 8 eram ocupados por homens e 2 por mulheres no ano de 2002. Quanto a Rigesa a média no ano de 2004 era de 411 funcionários, dos quais 325 funcionários eram representados pelo sexo masculino, perfazendo 79% e 86 femininos, ou seja, 21%.

Grandes grupos	Homens	Mulheres	Total	%
Indústria de transformação	1387	65	1452	56,3%
Serviços	446	111	557	21,6%
Agropecuária	104	8	112	4,3%
Administração Pública	94	198	292	11,3%
Comércio	70	64	134	5,2%
Construção civil	23	1	24	0,9%
Extrativa Mineral	7	0	7	0,3%
Serviços industriais de utilidade pública	3	0	3	0,1%

Quadro 6 - Relação entre atividades econômicas e empregos -Três Barras- SC- 2002
Fonte: SEBRAE/SC - Janeiro/2005

Consideramos até o presente momento as relações entre o sistema produtivo da Rigesa com o espaço intra-urbano. Analisaremos outro ponto relevante o das Vilas Operárias construídas na cidade para dar suporte as atividades da transnacional na cidade.

Veremos adiante de que maneira elas foram implantadas e como se apresentam na atual configuração urbana.

4 A ESTRUTURA SOCIOESPACIAL INTRA-URBANA: UM ESTUDO DE CASO DAS VILAS OPERÁRIAS EM TRÊS BARRAS

Acreditando que o espaço interage de forma dialética com os objetos ali inseridos, ora como agente transformador, ora como transformado, procuramos neste capítulo apreender esta relação apontando através das Vilas Operárias, construídas pela Rigesa, alguns indícios que contribuíram para a atual configuração urbana.

Um dos episódios que ilustram esta relação é o fato de que as Vilas Operárias foram construídas a partir da década de 1970 em uma área totalmente isolada, sem qualquer infra-estrutura e que atualmente encontra-se urbanizada. Assim inicialmente apresentamos a evolução urbana do município, procurando localizar e contextualizar os novos bairros e loteamentos com as Vilas Operárias.

Procuramos registrar as formas pelas quais se deram a implantação e administração por parte da transnacional destas Vilas Operárias. Neste contexto é possível observar as primeiras ações empreendidas em relação a alguns itens voltados à infra-estrutura no espaço urbano.

Veremos adiante questões referentes à segregação urbana ora dentro das Vilas Operárias, ora no seu entorno imediato. A mobilidade espacial é discutida sob o ponto de vista dos moradores das Vilas Operárias por meio da realização de entrevistas estruturadas.

4.1 IMPLANTANTAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DAS VILAS OPERÁRIAS³²

É no âmago do investimento do capital transnacional na indústria da madeira, na segunda metade do século XX, quando a transnacional Rigesa se instala na cidade com a fábrica de papel e celulose e área florestal que são construídas as Vilas Operárias. Ressaltamos o fato de que estas fazem parte de uma segunda fase de investimento do capital transnacional na indústria da madeira, visto que no início do século a serraria Lumber já havia construído sua Vila Operária. Desta primeira Vila Operária algumas residências permanecem localizadas na área

³² As informações referente a implantação das Vilas Operárias foram obtidas através de entrevista com o Sr. Antonio Tsonoda funcionário da Rigesa.

central do município, mais especificamente na sede do Campo de Instrução Marechal Hermes (CIMH).

Ao reconstituirmos este modo de ocupação do espaço e de construção das moradias temos a possibilidade de estudar a influência externa na distribuição dos equipamentos e nas atividades produtivas do espaço intra-urbano, bem como a forma como a Rigesa atuou como agente de regulação dos fluxos do comércio e das interações sociais.

Quando da instalação da transnacional observou-se uma escassa mão de obra local, reflexo da situação estabelecida pela *Lumber*, que havia encerrado suas atividades deixando inúmeros desempregados que migraram para outras regiões. Assim os primeiros trabalhadores foram recrutados de cidades vizinhas.

O acelerado crescimento populacional, decorrente dos investimentos do capital transnacional no município, foi uma preocupação dos investidores que necessitavam alojar seus operários, garantindo o mínimo de infra-estrutura.

Desde o início das atividades no departamento florestal da Rigesa a questão da moradia foi um problema a ser solucionado. Durante a construção das Vilas Operárias os trabalhadores precisaram ocupar alojamentos criados pela própria indústria.

As Vilas Operárias foram projetadas e construídas com o objetivo principal de abrigar a população que seria atraída pelas perspectivas de trabalho geradas pelo empreendimento industrial. A oferta de moradia criava uma possibilidade do trabalhador se locomover com a família, com garantia de segurança, de ter um lugar na cidade.

As primeiras casas das Vilas Operárias foram construídas na década de 1970 para abrigar a força de trabalho especializada contratada pela fábrica. A princípio foi construída a Vila Operária 1, com 30 residências destinadas ao setor administrativo e a Vila Operária 2 com 52 residências para os funcionários de suporte técnico. O projeto foi de responsabilidade da Rigesa Fábrica.

A construção da Vila Operária 3 sob responsabilidade da Rigesa Florestal, contava com 210 residências no início de implantação. Na década de 1980 chegou a ter em torno de 400 casas, visando atender aos trabalhadores deste departamento.

A organização dos núcleos urbanos aconteceu em áreas carentes de infra-estrutura. Os bairros residenciais diferenciam-se quanto ao tamanho dos lotes,

taxa de ocupação e tipo de residências. A administração da transnacional atualmente é ainda responsável pelos serviços de manutenção das casas, cujos aluguéis são apenas simbólicos.

O plano urbanístico das Vilas Operárias criou espaços estratificados tanto por categoria profissional como por padrão de ocupação. A diferença entre elas pode ser observada nas fotos 08, 09 e 10.



Foto 8 - Residência da Vila Operária 1 - Três Barras
Fonte: A autora, 2005.



Foto 9 - Residência da Vila Operária 2-Três Barras
Fonte: A autora, 2006.



Foto 10- Residência da Vila Operária 3 - Três Barras
Fonte: A autora, 2005.

Os ocupantes das Vilas Operárias recebiam as residências de acordo com a categoria profissional ocupada na Rigesa. A Vila Operária destinada a gerência, a Vila Operária 2 ao nível técnico e a Vila Operária 3 ao setor operacional. Assim criava-se na própria cidade certa hierarquia sócio-ocupacional que por consequência era reproduzida no espaço.

As casas operárias das Vilas Operárias 3 e 2 foram construídas uma ao lado da outra; eram casas iguais. As casas de madeira da Vila Operária 3 a princípio não possuíam banheiro interno. No decorrer dos anos eles foram sendo construídos. Já a Vila Operária 1 possuía casas com dimensões diferenciadas de acordo com a função desempenhada pelo trabalhador na indústria, ou seja, a moradia correspondendo a hierarquia administrativa.

A casa sendo oferecida pela empresa dependendo da situação ocupacional do operário no processo fabril representa um elemento de subordinação do operário frente ao patrão. A uniformização das casas, o controle direto da fábrica, sobre o conjunto das condições materiais de sua vida social extra-fábrica, como água, luz, transporte, auxílio médico, etc. foram elementos componentes dessa subordinação.

Destinadas exclusivamente aos trabalhadores da Rigesa as Vilas Operárias foram contempladas nos itens de infra-estrutura e serviços essenciais básicos de uma cidade: sistema de abastecimento de água, esgotos sanitários,

sistema viário interno, energia elétrica, comunicações, áreas de convívio social e serviços médicos.

Para o abastecimento de água foi necessária a construção de poços artesianos. Atualmente as Vilas Operárias 3 e 2 recebem atendimento de água e luz do setor público. A Vila Operária 1 possui abastecimento de água próprio.

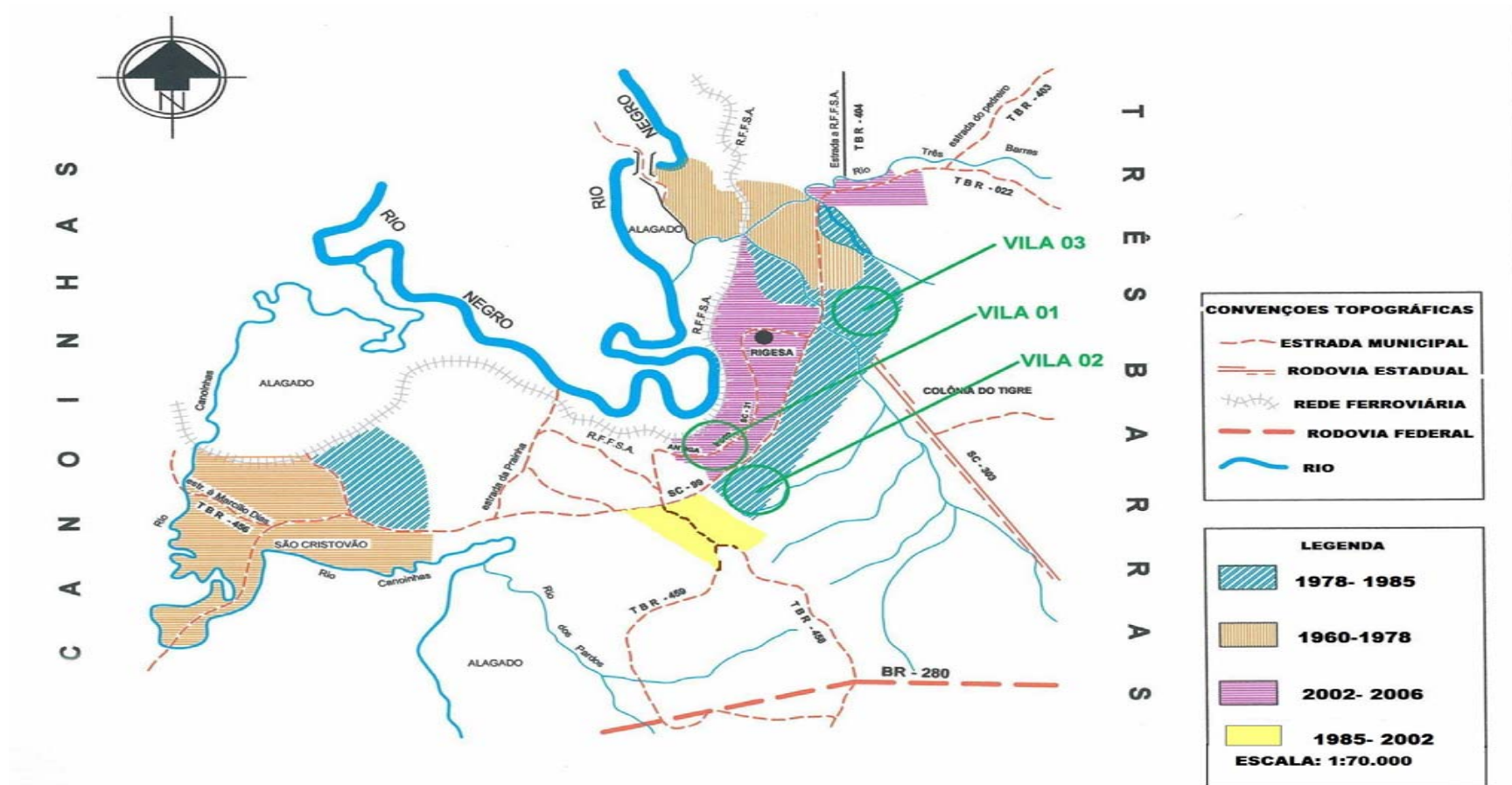
A Vila Operária 1 foi projetada com certo isolamento possuindo um sistema de segurança próprio realizado com guaritas, onde há o controle de entrada e saída dos moradores. O isolamento desta para com o bairro é flagrante, não pela distância em quilômetros da sede, mas sim como elemento sociocultural intrínseco que o isola do seu entorno imediato.

A assistência social no início do funcionamento das Vilas Operárias era realizada por funcionários da transnacional, que se ocupavam do acompanhamento das famílias. No plano educacional, a empresa implantou o PDI - Programa de Desenvolvimento Integral, um espaço que visava atender as crianças de 3 a 6 anos, localizado na Vila Operária 3. Atualmente este foi transferido da Vila Operária 3 para o Centro Comunitário do Divino Espírito Santo no Km 2 e as atividades acontecem em parceria com a comunidade.

4.2 A EVOLUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE TRÊSBARRAS

A *company town* da Rigesa foi delineando, reorganizando um novo espaço urbano para Três Barras, ocupando para área florestal 170.000,00 m²; fábrica, clube e vilas operárias 1.915.677,00 m², totalizando, assim, 2.085.677,00m², ou seja, 30% de uma área referente à área central da cidade que é de 7.528.950,65 m².

Partindo deste espaço de produção se estruturam loteamentos e bairros na cidade. Desta forma acontece a ampliação da malha urbana, gerando uma crescente articulação entre os lugares, onde são agregadas novas áreas ao tecido urbano. A escolha locacional da *company town* foi determinante para a estruturação do espaço intra-urbano, não apenas numa análise de alteração, mas sim, como estruturação e reestruturação na formação dos novos bairros em seu entorno, como pode ser observado no mapa 02.



Mapa 2 - Evolução do Perímetro Urbano - Três Barras – SC -1960-2006

Elaboração: Alan Schreider Padilha

Quanto à evolução do perímetro urbano este foi sendo alterado de acordo com a legislação municipal da seguinte forma: o período compreendido entre 1960 e 1978, corresponde ao primeiro traçado criado pela área de atuação da LUMBER; de 1978 a 1994, a área se estende com a criação de novos loteamentos e bairros; a partir de 1985 o Núcleo de Expansão Residencial Barra Grande é inserido no perímetro urbano; em 2002 o perímetro urbano sofre nova alteração, abrangendo a área da fábrica da Rigesa. Quanto a formação de bairros e loteamentos o quadro 07 apresenta o nome dos mesmos.

Bairros – Distrito – Loteamentos	Denominação
Bairro - Lei nº. 2.135 de 2001	Bom Jesus
Bairro - Lei nº. 675 de 1982	João Paulo II
Bairro - Lei nº. 573 de 1980	Núcleo de Expansão Residencial Barra Grande
Distrito - Lei nº. 471 de 1978	São Cristóvão
Loteamento	Jardim Rio Negro
Loteamento	Jardim Zilda Pacheco
Loteamento	Vila Nova
Loteamento	Alto do Mussi
Loteamento	Km 2

Quadro 7 - Distrito, bairros e loteamentos - Três Barras – SC.

Fonte: Câmara Municipal de Três Barras

O loteamento Zilda Pacheco conhecido popularmente como “Bairro Argentina” representava no início do século o centro de Três Barras. Após a enchente de 1920 seus equipamentos, como a igreja, pontos de comércio, entre outros foram sendo transferidos para outra área, a qual viria a ser o centro tradicional da cidade. Atualmente este loteamento faz limites com a fábrica da Rigesa. Muitos dos seus moradores foram antigos residentes da Vila Operária 3.

Quanto a Vila Nova, este loteamento foi realizado por particulares. Limita-se com a Vila Operária 3 e inclui residências construídas em projeto com o sistema

habitacional da Companhia de Habitação do Estado de Santa Catarina (COHAB). Estas residências foram construídas em área adquirida pela Prefeitura Municipal da família Walkoff na década de 1970.

No ano de 1996 foi criado o Projeto Fora D'Água que visava a formação de um novo loteamento situado no perímetro urbano, em terreno da prefeitura próximo à Serraria Diva Costa. No ano da aprovação do referido projeto iniciou-se a distribuição organizada dos lotes que deveria seguir critérios pré-estabelecidos. A partir do ano de 2007 foram privilegiadas ainda famílias residentes em casas da área militar, ou seja, antiga Vila Operária da serraria Lumber e população carente do município na distribuição dos lotes. O local passou a ser denominado Bairro Bom Jesus com a lei nº. 2.135 de 28 de novembro de 2001.

O Bairro João Paulo II é originário de proprietários particulares que fizeram o loteamento. Uma parte do Bairro que se encontra nas adjacências do Departamento Florestal, da fábrica e da Vila Operária 2 conta com melhor infraestrutura.

O núcleo urbano (centro tradicional) permaneceu, mas com o crescimento do tecido urbano está cedendo lugar a uma realidade nova. De um lado o loteamento Jardim Rio Negro, com características residenciais e de outro o Loteamento Km2 e Bairro João Paulo II, localizado nas proximidades da fábrica, que está assumindo progressivamente as atividades comerciais. Neste loteamento encontram-se a maioria das transportadoras, postos de gasolina, além do hospital. Ao longo da Avenida Rigesa localizam-se os hotéis, farmácias, ou seja, os melhores pontos de comércio.

Na figura 05 podemos observar a distribuição destes bairros e loteamentos.

O Núcleo de Expansão Residencial Barra Grande, localizado a 5 km das instalações da transnacional, conta a presença da Empresa Industrial e Comercial Fuck S.A. De acordo com informações prestadas pelo gerente da indústria suas atividades iniciaram em 23.07.1974 no ramo de compensados. Com 95% da produção voltada para a exportação, possui uma produção mensal de 4.000m que equivale a 4 carretas diárias no escoamento do produto final. A grande maioria dos habitantes deste bairro são trabalhadores desta serraria que possui uma Vila Operária nas mediações da indústria, contando atualmente com 25 residências.

O Distrito do São Cristóvão está localizado a 10 km da sede do município onde está instalada a transnacional, nos limites com o município de Canoinhas. Este possuium grande número de moradores em proporção ao município (como pode ser observado na tabela 04) possui a peculiaridade de abranger a população menos favorecida de Três Barras. Já o loteamento Alto do Mussi localizado na parte elevada deste Distrito é considerado a parte “nobre”.

Tabela – 04 Populações do Distrito de São Cristóvão e da Sede - Três Barras

Localidade	Urbano	Rural	Total
Distrito - São Cristóvão	7.239	189	7.428
Sede do Município	6.987	2.705	9.692
Total do Município	14.226	2.894	17.120

Fonte: IBGE - CENSO- 2000.

Além da *company town* da Rigesa contribuir para a produção do espaço urbano ela também influiu na dicotomia das desigualdades sociais. Este fato traduziu-se na percepção da segregação social e da exclusão em torno de algumas atividades, tais como: transporte para funcionários, para os filhos no deslocamento às unidades escolares, na infra-estrutura habitacional, nas comemorações realizadas no clube em datas festivas como: natal, dia da criança, entre outros. Ainda quanto à assistência médica e odontológica o tratamento foi privilegiado nos atendimentos com profissionais exclusivos para os funcionários e seus familiares. Estes são alguns dos exemplos do tratamento quando do início do funcionamento da corporação no município.

4.3 VILAS OPERÁRIAS: UM CONTRAPONTO À SEGREGAÇÃO URBANA

Discutir a produção do espaço urbano numa perspectiva de análise da construção de Vilas Operárias é uma possibilidade de entendermos a segregação urbana. Este fato é percebido quando da distribuição da moradia para o operário de acordo com a sua categoria de trabalho na indústria. No quadro 08 identificamos a estrutura das Vilas Operárias da Rigesa em seu projeto inicial.

Vilas Operárias	Número de casas	Categoria Funcional	Tipo de Habitação
Vila Operária1	30	Gerência	Alvenaria
Vila Operária 2	52	Nível Técnico	Alvenaria
Vila Operária 3	210	Operacional	Madeira

Quadro - 08
Relação habitação com categoria profissional

As residências sendo assim distribuídas aos funcionários por categoria funcional criam certa hierarquia socioeconômica, estendendo-se da produção industrial para o espaço urbano. Os fatores econômicos, a produção, acabam por intervir nas relações sociais de moradia, que diretamente refletem na estratificação social.

Percebe-se a desconcentração espacial em Três Barras quando a Rigesa inicia o processo gradativo de inclusão das Vilas Operárias aos serviços essenciais prestados aos moradores pelo poder público local, tais como coleta seletiva do lixo, distribuição de água pela Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (CASAN).

As Vilas Operárias passaram por fases distintas de desativação. Iniciando na década de 1990, com o projeto de vendas das propriedades aos operários. A princípio a empresa criou um projeto de vendas para a Vila Operária 2, onde vendeu 5 propriedades aos funcionários. Atualmente 3 das casas são de propriedade de particulares não funcionários da transnacional.

Quanto à Vila Operária 3 o processo constituiu-se da venda da casa aos funcionários para posterior retirada do local, ou seja, o terreno permaneceria de propriedade da Rigesa. Foi estipulado um valor de venda que viria a ser descontado de 6 a 10 parcelas mensais na folha de pagamento. Assim muitos dos funcionários transferiram suas casas para outras áreas da cidade ou mesmo usaram a madeira para completar a construção de suas moradias. Este fato gerou uma crescente articulação entre lugares, possibilitando o crescimento de novos loteamentos e bairros.

As Vilas Operárias não são partes encerradas do passado de criação do meio urbano tresbarrense. Ao contrário, permanecem na paisagem, marcam a moradia, têm um papel na lógica da urbanização e um sentido na expansão do tecido urbano.

Percorrendo-se os bairros da cidade, encontramos a presença das mesmas em três estágios: a Vila Operária 1 com entrada que comunica a via pública à via interna para a qual as casas estão voltadas e no centro a área de lazer com quadra esportiva. Tem amplos espaços abertos e áreas ajardinadas, além de um cinturão verde de preservação. A guarita com controle dos transeuntes demonstra o caráter seletivo e privado do espaço.



Foto 11 - Vila Operária 1 – Três Barras – SC - 2005
Fonte: CORDEIRO,2005

A Vila Operária 2 possui ampla visão das casas pelos demais moradores que circulam no local. Distingue-se das demais moradias pela distribuição e semelhança das habitações. Não há muros entre as casas, sendo estas recuadas das calçadas com gramados fronteiros. Localiza-se nas proximidades do aeroporto e do departamento florestal da Rigesa



Foto 12 - Vila Operária 2 – Três Barras – SC.
Fonte: CORDEIRO, 2005.



Foto 13 - Vila Operária 3 – Três Barras – SC
Fonte: CORDEIRO, 2005

A Vila Operária 3, como pode ser observado na foto número 13, possui certo ar de “abandono”, encontra-se com poucas casas e distantes umas das outras, tendo em vista que muitas já foram vendidas aos operários e transferidas de local. A paisagem apresenta certo saudosismo, como um espaço que está prestes a desaparecer.

Ainda hoje, quando a cidade já conta com outras atividades industriais, a Rigesa pode ser vista de quase todos os seus pontos. Essa dominância não se refere apenas à localização geográfica central e a extensa área ocupada pela transnacional, indica ainda que as questões econômicas voltadas a madeira repercutam fortemente, fornecendo as bases, tanto para o desenvolvimento local como para a produção do espaço urbano.

A presença da transnacional Rigesa em Três Barras é um exemplo de influência externa na distribuição dos equipamentos e atividades produtivas na cidade.

4. 4 AS VILAS OPERÁRIAS SOB O PONTO DE VISTA DOS MORADORES

De modo a investigar questões referentes ao cotidiano que pudessem comprovar a influência da transnacional nas relações sociais realizamos noventa entrevistas com moradores e ex-moradores das Vilas Operárias. Tivemos ainda o objetivo de apreender a mobilidade entre residentes das Vilas Operárias com outros bairros da cidade.

As entrevistas foram assim distribuídas: 69 entrevistados da Vila Operária 3, 18 da Vila Operária 2 e 3 da Vila Operária 1. O número de entrevistados foi definido proporcionalmente ao número de residências das Vilas Operárias. As entrevistas relativas aos moradores da Vila 2 e 3 ocorreram junto aos alunos do Ensino Médio e séries finais do Ensino Fundamental da Escola de Educação Básica “General Osório”, situada no centro tradicional da cidade. A princípio foi feita uma sondagem junto aos alunos sobre quais famílias residem ou residiram nas Vilas Operárias para posterior contato com estas famílias. Na seqüência explicou-se o objetivo da entrevista para obter o endereço dos familiares e realizar posteriormente as entrevistas. Quanto a Vila Operária 1, as entrevistas foram realizadas com famílias que se dispuseram a responder as questões.

Cabe ressaltar que realizamos este trabalho de campo sem a preocupação de registrar uma realidade absoluta, mas sim possibilidades de compreender através da visão daqueles que residiram ou residem nas Vilas Operárias o papel das mesmas na formação dos novos bairros, ou mesmo da atuação da transnacional nas Vilas Operárias.

Analizamos durante as entrevistas alguns serviços prestados pela Rigesa. Desta forma foi possível constatar que atividades de preservação das áreas verdes, ruas e parques, ora de responsabilidade do poder público foram sendo realizadas pela transnacional, como também outras de manutenção das casas, (pinturas, reformas...) que poderiam ser feitas pelo próprio morador. Neste sentido os residentes ocupam a casa, mas vivenciam a presença da Rigesa no seu cotidiano. Este fato presente nas relações familiares faz com que o trabalhador esteja em constante dependência com a transnacional, ou seja, as relações patrão/empregado estendem-se para as atividades extra-fábrica.

O transporte para funcionários foi outro serviço citado nas entrevistas. No início da implantação das Vilas Operárias este transporte acontecia tanto para o operário como para o deslocamento dos seus filhos até as unidades escolares. Quanto ao serviço social, este era realizado com assistentes sociais que atendiam os moradores visando manter a “ordem” entre os mesmos. Como exemplo, podemos citar problemas relacionados com o alcoolismo, que ocasionando brigas familiares ou entre os moradores eram tratados de forma direta visando assim certo controle social dos trabalhadores o que viria a repercutir no rendimento do trabalhador. Em algumas situações de incompatibilidade entre os vizinhos das Vilas Operárias era possibilitada a troca de moradia evitando assim “desentendimentos” entre os moradores.

A Rigesa oferecia ainda serviços médicos e odontológicos, procurando sanar a carência dos mesmos pelo serviço público local, haja vista que na época da implantação das Vilas Operárias o município não possuía hospital próprio, apenas posto de saúde e mesmo consultas conveniadas eram realizadas no município vizinho de Canoinhas - SC. Desta forma a Rigesa garantia além do seu serviço ambulatorial de primeiros socorros e consultas médicas a locomoção através de ambulância própria para Canoinhas.

Quanto ao tempo de residência dos entrevistados das Vilas Operárias na tabela 05 estão registradas as seguintes informações: na Vila Operária 3, 30,4% dos funcionários entrevistados residiram no local há mais de 10 anos, entre 3 a 10 anos 51,9% o que demonstra certa mobilidade dos moradores na cidade. Na Vila Operária 2 16,6% dos moradores entrevistados apresentam mais de 10 anos de residência e 38,7% residência de 3 até 10 anos, o que demonstra maior mobilidade do que os moradores da Vila Operária 3.

Tabela 5 - Tempo de residência dos moradores das Vilas Operárias

Período de residência	Vila Operária 3		Vila Operária 2		Vila Operária 1	
		%		%		%
Até 3 anos	12	17,3	03	16,6	02	66,6
Até 5 anos	12	17,3	01	5,5		
Até 10 anos	12	17,3	03	16,6		
Mais de 11 anos	21	30,4	03	16,6		
Continuam residindo	12	17,3	08	44,4	01	33,3
Total	69		18		03	

Fonte: Pesquisa Direta, novembro de 2006.

Em relação a esta mobilidade dos moradores das Vilas Operárias, foi possível observar que a maioria dos entrevistados mudou-se para casa própria e na grande maioria para os bairros do Km 2 e Vila Nova, foi citado ainda em menor número o Bairro Zilda Pacheco e área central da cidade. Como pode ser analisado na tabela 6 da Vila Operária 3 apenas dois funcionários trocaram de residência para casa alugada, 79,7% adquiriram casa própria. Dos entrevistados residentes da Vila Operária 2, 55,5% passaram a ter casa própria e da Vila Operária 1 este percentual foi de 66,6%.

Tabela 6 - Mobilidade dos moradores das Vilas Operárias.

Local para troca de residência	Vila Operária 3	%	Vila Operária 2	%	Vila Operária 1	%
Casa de Vila Operária						
Casa alugada	02	2,8				
Casa própria	55	79,7	10	55,5	02	66,6
Continua residindo	12	17,3	08	44,4	01	33,3
Total	69		18		03	

Fonte: Pesquisa Direta, novembro de 2006.

Quanto ao número de pessoas que residiam nas casas das Vilas Operárias obtivemos os seguintes dados: na Vila Operária 3 a média esteve entre 3 a 8 pessoas, na Vila Operária 2 de 3 a 4 pessoas e na Vila Operária 1 de 2 a 3 pessoas.

Já no item local de origem dos operários constatamos durante as entrevistas que a Vila Operária 3 possui 43,4% de operários do próprio município, já a Vila Operária 2, 33,3% e a Vila Operária 1 66,6%.

Na questão do grau de instrução há diferença entre os operários moradores das distintas Vilas Operárias. Podemos conferir na tabela 07 a predominância do Ensino Superior na Vila Operária 1 e do Ensino Médio na Vila Operária 2. Quanto a Vila Operária 3, 43,5% dos operários entrevistados contam com Ensino Fundamental e 56,5% com Ensino Médio.

Tabela -7 Grau de instrução dos moradores das Vilas Operárias.

Grau de Instrução	Vila Operária3	%	Vila Operária 2	%	Vila Operária1	%
Ensino Fundamental	30	43,5	-----		-----	
Ensino Médio	39	56,5	15	83,3	-----	
Ensino Superior	-----	-----	3	16,7	03	100
Total	69		18		03	

Fonte: Pesquisa Direta, novembro de 2006.

Investigamos durante as entrevistas os setores em que os operários trabalhavam. De acordo com a tabela 08 evidenciou-se que tanto os moradores entrevistados ocupam funções no departamento florestal como na fábrica de papel.

Tabela 8 - Setor de trabalho dos moradores das Vilas Operárias

Setor de trabalho	Vila Operária 3	%	Vila Operária 2	%	Vila Operária 1	%
Operador Máquina	24	4,7				
Tratorista	6	8,6				
Segurança	4	5,7				
Setor – Florestal	17	24,6			01	33,3
Secretária	3	4,3				
Extração de madeira	13	18,8				
Laboratório			2	11,1		
Máquina – Fábrica			7	38,8		
Celulose -operador			5	27,7	02	66,6
Elétrica	2	2,8	4	22,2		
Total	69		18		03	

Fonte: Pesquisa Direta, novembro de 2006.

Verificou-se ainda, o papel determinante das Vilas Operárias na formação dos novos bairros. A princípio pela própria localização e também pelo fato dos funcionários não pagarem aluguel o que contribuiu para a aquisição da casa própria.

Percebemos em respostas dos residentes da Vila Operária 2 que já adquiriram a propriedade, a questão de não se sentirem nem sob “proteção” da transnacional, nem do poder público local. Em entrevista com o prefeito municipal da atual gestão, este ressaltou que não interfere no espaço das Vilas Operárias, visto que as mesmas são patrimônios privado, apenas cumpre dentro dos parâmetros legais o que é de responsabilidade do poder público. Evidenciamos ainda, durante esta pesquisa a relação entre os operários como moradores das Vilas Operárias e como funcionários da transnacional, ou seja, homens, firmas, instituições, meio ecológico e as infra-estruturas numa relação intrínseca com o espaço na sua totalidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto pesquisadores nos mantivemos preocupados em elucidar questões atinentes à dimensão do capital transnacional e das *company towns* como componentes da produção do espaço urbano. O movimento de urbanização do município de Três Barras se mostrou correlato ao forte crescimento demográfico decorrente da presença de transnacionais no setor madeireiro.

Os processos sociais foram condicionados por ações inovadoras do capital transnacional. A prática de modernização das corporações conduziu a implantação no espaço urbano de equipamentos necessários tanto à produção como a urbanização local. A urbanização passou a ganhar novos conteúdos e novas dinâmicas pelos processos de modernização que a cidade conheceu e que explicam a nova situação, ou seja, ela simultaneamente atuou como resultado e condição do processo de difusão do capital.

Embora os traços de formas passadas de modernização possam estar encobertos por formas mais recentes, eles apresentam certa evolução nos processos de produção do espaço. Esta evolução aconteceu tanto com elementos locais, desenvolvidos ali mesmo, como de extra-locais resultantes das necessidades do capital transnacional em diferentes épocas.

A relação entre os elementos do espaço: homens, firmas, instituições, meio ecológico e as infra-estruturas, foram evidenciadas no decorrer da pesquisa quando apontamos informações referente a produção espacial articulada com as ações da indústria da madeira via transnacionais e mais especificamente as *company towns* instaladas em Três Barras. Neste sentido constatamos que ora o espaço urbano tresbarrense atuou como reflexo e ora condicionado pelo setor econômico, com sua materialidade representando tanto ações do passado como do presente.

Uma resposta quanto a produção do espaço urbano tresbarrense é demonstrada no 1º capítulo pela análise empreendida por autores que descrevem situações vivenciadas através de grandes corporações em cidades de pequeno e médio porte e seu impacto no local.

É preciso, no entanto não compreender de forma simplista a lógica da localização industrial como determinante para a produção espacial, mas sim considerá-la no contexto histórico. Desta forma o 2º capítulo objetivou demonstrar as

origens dos primeiros traçados urbanos do município de Três Barras e o papel estratégico da *company town* da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, onde poucas ruas tiveram sua nomenclatura e seu trajeto alterado. A materialidade desta corporação pode ainda hoje ser observada na sede do Campo de Instrução Marechal Hermes (CIMH) através de algumas edificações.

Outro ponto relevante deste capítulo foi a questão da política de colonização adotada pela Lumber através da Colônia Tigre, que veio a determinar a forte presença de europeus na cidade, mais especificamente de poloneses e ucranianos. A influência norte americana foi vivenciada na cidade através do impacto cultural, a imagem do progresso, da modernidade pelos equipamentos ali instalados: cinema, quadras esportivas, fábrica de gelo, entre outros. Quando do término das atividades da Lumber e transferência do seu patrimônio para a União, houve grande migração dos trabalhadores. Nesta fase um novo empreendimento madeireiro inicia seus investimentos no município a Rigesa / MeadWestvaco.

Ainda nesta parte do trabalho observamos que a partir da implantação da transnacional Rigesa o espaço foi sendo ordenado e integrado pelo sistema de transporte com outras regiões do país. A sociedade tresbarrense foi criando alternativas de trabalho de acordo com a atuação do capital transnacional na indústria da madeira. O grande fluxo de madeira do interior do município como de outras regiões para a fábrica e da saída das bobinas de papel fez com que atividades voltadas ao transporte predominassem na cidade.

Constatamos a interdependência entre as fábricas da corporação no Brasil através da ampla escala de operações com sua natureza multifuncional, ora com concentração vertical, ora horizontal. Percebemos que mesmo de forma indireta o espaço intra-urbano tresbarrense foi sendo moldado por esta ampla escala de produção através do fluxo rodoviário na saída de papel para as demais unidades produtivas.

Na questão da localização industrial, a cidade passou a assumir dimensões diferentes, o tecido urbano foi sendo determinado segundo a lógica das instalações da transnacional Rigesa.

A análise demonstrou que foi a partir do projeto criado pela Lumber para sua *company town* que o centro tradicional da cidade de Três Barras foi sendo ordenado. As edificações foram sendo construídas, suas formas permaneceram assumindo funções diferenciadas no decorrer dos anos.

Quanto a *company town* da Rigesa, esta direcionou a localização dos atuais bairros e loteamentos da cidade em seu entorno, ora criados de forma espontânea, ora de forma planejada. A mobilidade residencial dos moradores das Vilas Operárias foi marcante para a formação destes novos espaços.

As alterações no espaço urbano representam sem dúvida, a expressão concreta da economia madeireira na cidade. Elas respondem às necessidades da sociedade relativa à atividade da materialização do capital transnacional. As formas de produção da transnacional estão refletidas no espaço tanto nos tempos remotos como nos atuais.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, L. de O. Paisagens urbanas reveladas pelas memórias do trabalho.

Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona, v. VI, n. 119 p.54, 2002 Disponível em <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119-54.htm>
Acesso em 28.06.2006

BECKER, B. K. Grandes projetos e produção de espaço transnacional: uma nova estratégia do Estado na Amazônia. **Revista brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro: IBGE, 1939- 1991. v. 51. n.1.

BENKO, G. **Economia, espaço e globalização:** na aurora do século XXI. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BLAY, E. **Eu não tenho onde morar:** vilas operárias na cidade de São Paulo. São Paulo: Nobel, 1985.

CARLOS, A F. **Espaço e indústria.** São Paulo: Ed. Contexto, 1994. (Coleção Repensando a Geografia).

_____ **Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano.** São Paulo, Edusp, 1994. p. 157-197.

CASTELLS, M. **A questão urbana.** Tradução: Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 1983. (Coleção Pensamento Crítico, v. 48).

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital.** Tradução: Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano.** São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios).

_____ **Corporação e espaço- uma nota.** **Revista Brasileira de Geografia.** Rio de Janeiro: IBGE, 1939- 1991. v. 53. n.1.

_____ Espaço: um conceito-chave da geografia. IN: CASTRO, I. E de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertran, 1995.

DEAN W. A industrialização durante a República Velha. IN: CARDOSO, F. H... et al. AL.). **O Brasil Republicano**. Tomo III: estrutura de poder e economia (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997 (História Geral da Civilização Brasileira; v. 1. t. 3)

ESTRADA, M L. O processo de produção do espaço urbano-industrial: um exercício teórico-metodológico. IN: SANTOS, M; SOUZA M. A. **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. (Coleção Espaços).

FISCHER, A. Introduction. Industrie et diemension spatiale. In: FISCHER, A **Industrie et espace géographique**. Paris: Masson, 1994. p. 1-7.

GARCÉS, E. **Los campamentos de la minería del cobre em Chile (1905-2000)**. Revista Eure, Santiago de Chile (Vol. XXIX, nº 88) pp. 131-148, Diciembre 2003.

GOMES, P.C.C. **Geografia e modernidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

GONZÁLEZ, R. A El ferrocarril como elemento estructurador de la morfología urbana: el caso de Barcelona 1848-1900. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, Barcelona, v. IX, n. 194 (65). Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-65.htm>. Acesso em: 1 de agosto de 2005.

HERÉDIA, V. B. M. A construção se vilas operárias no sul do Brasil: o caso de Galópolis. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona, v. VII, n. 146(080). Disponível em: <[http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(080\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(080).htm)> Acesso em: 1 de agosto de 2003.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Tradução: T.C. Netto. São Paulo: Documentos, 1969.

MARTINEZ, P. **Multinacionais**: desenvolvimento ou exploração. 12 ed. Revista e ampliada. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção Polêmica).

PIQUET, R. **Cidade-empresa**: presença na paisagem urbana brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. 41 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RAMIRES, J.C. de L. As grandes corporações e a dinâmica socioespacial: a ação da Petrobrás em Macaé. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE, 1939- 1991. v. 53. n.4.

RIGENEWS. **Jornal dos funcionários da Rigesa**. n.º. 36, p. 4, dezembro, 2002.

RIGEINFORMA. **Informativo da Fábrica de Papel e Divisão Florestal da Rigesa em Três Barras**. n.º 65, p. 3, julho/agosto, 2005.

RODRIGUES, A M. **Moradia nas cidades brasileiras**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 1994. (Coleção repensando a geografia).

_____ Desvendando formas e conteúdos: o núcleo urbano de Carajás. IN: TRINDADE JUNIOR, S. C. da; ROCHA, G. de M. (Org.) **Cidade e empresa na Amazônia**: gestão do território e desenvolvimento local. Belém: Ed. Paka-Tatu, 2002.

SACHET, C.; SACHET, S. A guerra do Contestado. In: SACHET, C.; SACHET, S **Santa Catarina 100 anos de História. O livro: do povoamento à guerra do Contestado**. v. 1. Florianópolis, 1997/2001, p. 507-525.

SANTA CATARINA. FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. **Contestado**. Rio de Janeiro: Editora Index, 1987.

SANTOS, M. **O trabalho do geógrafo no 3º mundo**. 2 ed. São Paulo: HUCITEC, 1986. Tradução: Sandra Lencine.

_____ **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____ **Natureza do espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

_____ SANTOS, M ; SILVEIRA, M. L. (Org.) **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SEBRAE. **Três Barras em números**: uma coletânea dos principais indicadores nos últimos anos. Janeiro, 2005.

SINGER, P. O Brasil no contexto do capitalismo internacional 1889-1930. IN: CARDOSO, F. H.et.al. **O Brasil Republicano**, tomo III: estrutura de poder e economia (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997 (História Geral da Civilização Brasileira; v. 1. t. 3)

SPOSITO, M. E.B. **Capitalismo e urbanização**. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Repensando a Geografia).

_____ **O chão em pedaços**: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo, 2005. Tese (Livre-docência). Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente, FCT/UNESPa.

THOMÉ, N. **Sangue, suor e lagrima no chão do contestado**. Caçador-SC, INCON, 1992.

TRINDADE JUNIOR, S. C. da; ROCHA, G. de M. (Org.). **Cidade e empresa na Amazônia: gestão do território e desenvolvimento local**. Belém: Ed.Paka-Tatu, 2002.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Nobel/FAPESP, 1998, p. 18-48.

www.rigesa.com.br

www.meadwestvaco.com.br

<http://mavalem.sites.uol.com.br/sc/TresBarras.htm>

<http://www.ibge.gov.br/>

[http://www.file:///A:\[Docentes\]DIVULGAÇÃOPROJETODEP&DRIGESAhtm.com.br](http://www.file:///A:[Docentes]DIVULGAÇÃOPROJETODEP&DRIGESAhtm.com.br)

ANEXO B

Modelo de entrevista realizada com moradores e ex-moradores das Vilas Operárias.

MEC – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
 SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
 CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

ÁREA DE PESQUISA: Produção e transformação do espaço urbano regional

ORIENTAÇÃO: PROF^a.DR^a. Olga Lucia de F. Firkowski

MESTRANDA: Soeli Regina da Silva Lima.

DATA: _____

Para a realização de uma pesquisa sobre a produção do espaço urbano tresbarrense solicitamos algumas informações sobre as vilas operárias da Rigesa.

1) Morei:

() Vila Operária - 1 () Vila Operária - 2 () Vila Operária - 3

2) Período de residência

() até 3 anos () até 5 anos () até 10 anos () mais de 10 anos
 () continua residindo

3) Quando trocou de residência:

() foi para outra vila operária. Qual? _____

() Foi para casa própria. Bairro: _____

() Foi para casa alugada. Bairro: _____

() Outro motivo: _____

4) Setor que o funcionário trabalhava na Rigesa: _____

5) Grau de instrução do trabalhador:

() Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior.

6) Número de pessoas que residiam na casa: _____

7) Lugar de origem (cidade) do trabalhador: _____

8) Quais os serviços prestados pela Rigesa aos moradores das vilas operárias?

9) Escreva sobre os pontos positivos e negativos de morar em uma vila operária:

POSITIVO: _____

NEGATIVO: _____
